



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

**HELIO LINO DELFINO**

**DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS DE CENTROS DE  
IDIOMAS**

Brasília  
Julho 2014

**HELIO LINO DELFINO**

**DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS DE CENTROS DE  
IDIOMAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sofia Galvão Baptista

Brasília  
Julho 2014

---

Delfino, Helio Lino.

Desenvolvimento de coleções em bibliotecas de centros de idiomas / Helio Lino Delfino. – Brasília, 2014.

72 f. : il. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Sofia Galvão Baptista.

1. Desenvolvimento de coleções. 2. Língua estrangeira. 3. Centro de idioma.  
I. Título. II. BAPTISTA, Sofia Galvão.

CDU

---



**Título: Desenvolvimento de coleções em bibliotecas de centros de idiomas**

**Aluno:** Helio Lino Delfino

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 01 de julho de 2014.

**Sofia Galvão Baptista** - Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Rita de Cássia do Vale Caribé** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciências da Informação

**Mônica Regina Peres** – Membro  
Mestre em Ciência da Informação

Dedicado aos meus familiares: pai, mãe,  
padrasto e esposa. Amo vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer aos colegas da “Biblio” (dos mais variados semestres) da FCI/UnB pela convivência durante a graduação, em especial aos do 2º/2010.

Aos bibliotecários que conheci na UnB. Em especial: Denise Bacellar, Francisco Rafael (Chico), Marcelo Miranda e Rafael Barcelos. E também aos da Câmara dos Deputados. Em especial: Cristiane Jardim, Janice Silveira e Patrícia Milani.

Aos docentes: Fernando César Leite Lima, Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes (*in memoriam*), José Antônio Machado do Nascimento, Marisa Bräscher Basílio Medeiros, Mônica Regina Peres e Rita de Cássia do Vale Caribé. Em especial a minha orientadora Sofia Galvão Baptista, pela disponibilidade e atenção.

Aos respondentes da pesquisa que foram muito gentis e atenciosos em todas as ocasiões. Obrigado pela contribuição.

Aos meus familiares pelo apoio, amor e carinho. E a Deus por todas as suas bênçãos na minha vida.

“Quem aprende uma nova língua adquirir uma alma nova.”

(Juan Ramón Jiménez)

## **RESUMO**

Discorre acerca do desenvolvimento de coleções em bibliotecas de centros de idiomas. Revisa a literatura sobre as atividades inerentes ao desenvolvimento das coleções e sobre o ensino de língua estrangeira (LE). Estuda por meio da análise da aquisição dos materiais, da seleção, do estudo de usuários, da avaliação das coleções e do desbastamento como é realizado o desenvolvimento das coleções na Casa Thomas Jefferson (CTJ), no Instituto Cervantes, no Instituto Goethe-Zentrum e na Aliança Francesa. A pesquisa foi realizada em instituições de Brasília (RA – I) que trabalham com a língua inglesa, espanhola, alemã e francesa, de acordo com as Línguas Estrangeiras Modernas (LEM) ofertadas na rede pública de ensino do Distrito Federal (DF). A coleta de dados aconteceu com os gestores das unidades de informação que em sua maioria eram bibliotecários formados. As informações obtidas revelaram como é realizado o desenvolvimento de coleções nessas unidades. A pesquisa concluiu que as atividades inerentes ao desenvolvimento de coleções não são praticadas em sua totalidade pelas bibliotecas dos centros de idiomas. Não existindo homogeneidade entre elas, mas ocorrendo uma total sistematização das atividades contempladas no processo de formação e desenvolvimento das coleções que revela a maneira com que cada uma trabalha nessa área.

Palavras-chave: Desenvolvimento de coleções. Ensino de línguas estrangeiras. Bibliotecas de centros de idiomas.



## **ABSTRACT**

Talks about the development of collections in libraries language centers. Reviews the literature on the activities related to the development of collections and on the teaching of foreign language. Studied by analyzing the acquisition of materials, selection of the study of users of the evaluation of collections and chopping as is the development of the collections held at Casa Thomas Jefferson, the Instituto Cervantes, in Goehte-Zentrum Institute and the French Alliance. The survey was conducted in Brasilia institutions who work with english, spanish, german and french, according to the Modern Foreign Languages tendered in the public schools of the Federal District. Data collection took place with managers of information units that were mostly trained librarians. The information obtained showed how the development of collections held in these units. The research concluded that the activities related to the development of collections are not practiced in its entirety by the libraries of the language centers. Absence of uniformity among them, but occurring total systematization of activities covered in the training and development of collections that reveals the way in which each process works in this area.

**Keywords:** Development of collections. Teaching of foreign languages. Language centers libraries.

## **LISTA DE FIGURAS E QUADROS**

Quadro 1 – Procedimentos da seleção	22
Quadro 2 – Elementos da política de seleção	23
Quadro 3 - Fornecedores de materiais de informação	26
Figura 1 – Processo de desenvolvimento de coleções	17
Figura 2 – Abordagem estruturalista de Braughman	20
Figura 3 – Casa Thomas Jefferson (Matriz, Asa Sul)	35
Figura 4 – Instituto Cervantes Brasília	36
Figura 5 – Goethe-Zentrum Brasília	37
Figura 6 – Aliança Francesa Brasília	38
Figura 7 – Acervo Biblioteca Ángel Crespo	40
Figura 8 – Acervo Biblioteca Ana Maria Assumpção da CTJ	45
Figura 9 – Mediateca da Aliança Francesa Brasília	48
Figura 10 – Acervo Biblioteca Goethe-Zentrum Brasília	55

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Possui algum documento que orienta o desenvolvimento de coleções?	39
Gráfico 2 – Tipos de materiais de informação	41
Gráfico 3 – Forma de aquisição dos materiais	42
Gráfico 4 – Fornecedores de materiais de informação	43
Gráfico 5 – Recursos financeiros suprem a necessidade de compra?	44
Gráfico 6 – Responsabilidade pela aquisição dos materiais	46
Gráfico 7 - Responsabilidade pela seleção dos materiais	49
Gráfico 8 - Importância do conhecimento da LE na seleção dos materiais	50
Gráfico 9 - Fontes de seleção/instrumentos auxiliares	51
Gráfico 10 - Frequência da realização do estudo de usuários	52
Gráfico 11 - Importância do estudo de usuários no desenvolvimento de coleções	53
Gráfico 12 - Forma de coleta de dados no estudo de usuários	54
Gráfico 13 – Há consonância das coleções com a missão da instituição?	55
Gráfico 14 - Métodos utilizados na avaliação das coleções	56
Gráfico 15 - Importância da avaliação das coleções no desenvolvimento do acervo	57
Gráfico 16 - Critérios utilizados no remanejamento dos materiais	58
Gráfico 17 - Espaço físico da unidade é adequado para abrigar as coleções?	59
Gráfico 18 - Critérios utilizados no descarte dos materiais	60
Gráfico 19 - Destinos dos materiais selecionados para o descarte	61

## **LISTA DE SIGLAS**

CIL – Centro Interescolar de Línguas

CTJ – Casa Thomas Jefferson

DF – Distrito Federal

GDF – Governo do Distrito Federal

IRC – Information Resource Center

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LE – Língua Estrangeira

LEM – Língua Estrangeira Moderna

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

PDC – Política de Desenvolvimento de Coleções

RA – Região Administrativa

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 QUESTÃO DE PESQUISA</b>	<b>14</b>
<b>3 OBJETIVO GERAL</b>	<b>14</b>
3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>15</b>
4.1 O começo do desenvolvimento de coleções	15
<b>4.2 Processo de desenvolvimento de coleções</b>	<b>16</b>
4.2.1 O estudo da comunidade	18
4.2.2 A seleção	20
4.2.2.1 Política de seleção	23
4.2.3 A aquisição	25
4.2.4 Avaliação, desbastamento e descarte	27
<b>4.3 O aprendizado de outros idiomas</b>	<b>29</b>
4.4 O ensino de línguas no Brasil	30
<b>5 METODOLOGIA</b>	<b>33</b>
5.1 Pré-teste	34
<b>6 Os centros de idiomas</b>	<b>35</b>
<b>6.1 Análise dos dados</b>	<b>39</b>
6.1.1 Panorama das bibliotecas	39
6.1.2 Aquisição dos materiais	42
6.1.3 Seleção dos materiais	47
6.1.4 Estudo de usuários e avaliação das coleções	52
6.1.5 Desbastamento das coleções	58
<b>7 CONCLUSÃO</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de coleções representa uma parte importante na criação dos chamados serviços de informação. Trabalhar de forma articulada com os demais setores de uma biblioteca e em convergência com os objetivos estabelecidos pela instituição na qual a unidade está vinculada é fundamental para formar um acervo e, conseqüentemente, estabelecer serviços.

O trabalho biblioteconômico permite o fornecimento de informações que apoiam o desenvolvimento tecnológico, científico, educacional e cultural. Essas informações em muito são transmitidas por meio de materiais pertencentes a um acervo. Mas para que um material faça parte de uma coleção é necessário um esforço intelectual por parte do profissional que trabalha com o desenvolvimento de coleções a fim de se alcançar a eficácia pretendida. Existem práticas e técnicas pertencentes ao desenvolvimento de coleções que sistematizam e auxiliam esse trabalho. Daí a contínua necessidade de estudo, pois novos contextos surgem e influenciam a área.

[...] precisamos cada vez mais de estudos que abordem os diferentes tipos de unidades, materiais, processos, e ect. A área de desenvolvimento de coleções vem, ao longo de sua história, apresentando soluções locais para lidar com a dispersão do conhecimento. Cada grupo social delimita sua ação dentro do campo científico específico e suas coleções representam as características institucionais e legítimas desse grupo (WEITZEL, 2002, p. 68).

A abordagem sobre a formação de acervos em algumas situações específicas ainda é escassa. Temos no Brasil o ensino de língua estrangeira (LE) que há algum tempo faz parte do sistema educacional brasileiro. O Ministério da Educação (MEC) inclusive traça diretrizes sobre o ensino de línguas estrangeiras no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) que serve de apoio aos profissionais de ensino. Não se pode tratar com generalidade o desenvolvimento de coleções no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras. Há locais como os Centros Interescolares de Línguas – CIL, pertencentes à rede pública de ensino do Distrito Federal (DF), por exemplo, especializados no ensino de Língua Estrangeira Moderna (LEM). Esses centros tratam exclusivamente dessa prática de ensino.

Observando e conhecendo a realidade das bibliotecas dessas instituições pode-se perceber que em muitas não se conta com profissionais bibliotecários. A Lei Nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, na qual ainda garante a atuação do profissional bibliotecário nessas unidades de informação, procura estabelecer que todas as unidades de educação contem com uma

biblioteca. Desse modo, o estudo acerca do desenvolvimento de coleções pode apoiar o trabalho do profissional bibliotecário que atuará dentro dessa área específica que é o ensino de idiomas.

Alguns centros de idiomas de caráter privado ou público, normalmente vinculados de alguma forma histórica, política ou administrativa com os países de línguas estrangeiras, possuem reconhecida excelência no ensino de línguas. Suas unidades de informação por vezes possuem profissionais bibliotecários que trabalham no desenvolvimento de coleções de uma determinada LE. O trabalho desses profissionais serve de apoio ao trabalho dos professores e ao estudo dos alunos.

O estudo nessas unidades pode nos levar a aprender um pouco mais sobre o desenvolvimento de coleções, pois o foco especializado acarreta uma visão diferenciada na prática dessa atividade. Com isso pode-se subsidiar o conhecimento de novos profissionais que queiram atuar na formação de coleções desse cunho e, claro, contribuir na contínua reflexão na área de formação e desenvolvimento de acervos.

A pesquisa tem por objetivo analisar como é realizado o desenvolvimento de coleções em bibliotecas de centros de idiomas. A partir disso, a pesquisa procura analisar a aquisição dos materiais de informação, a seleção dos materiais, o estudo dos usuários, a avaliação e o desbastamento das coleções. Foram selecionadas quatro instituições em Brasília (RA – I), de acordo com os idiomas ofertados na rede pública de ensino do DF, são elas: a Casa Thomas Jefferson (CTJ), o Instituto Cervantes, o Goethe-Zentrum e a Aliança Francesa. Esses centros divulgam e ensinam a língua inglesa, espanhola, alemã e francesa, respectivamente.

Primeiramente, foi realizada a revisão de literatura sobre a área de desenvolvimento de coleções e do ensino de LE. Em seguida foi elaborado o instrumento para a coleta dos dados (questionário com perguntas abertas e fechadas). O pré-teste foi realizado no Information Resource Center (IRC) (biblioteca da Embaixada dos Estados Unidos). As informações foram coletadas junto aos profissionais, em sua maioria bibliotecários, das unidades supracitadas.

A pesquisa conclui que as atividades inerentes ao desenvolvimento de coleções não são praticadas em sua totalidade pelas unidades de informação. Não existindo homogeneidade entre elas, mas ocorrendo uma total sistematização das atividades contempladas no processo de formação e desenvolvimento das coleções que revela a maneira com que cada uma trabalha nessa área.

## 2 QUESTÃO DE PESQUISA

Como é realizado o processo de desenvolvimento de coleções nas bibliotecas de centros de idiomas?

## 3 OBJETIVO GERAL

Analisar o processo de desenvolvimento de coleções em bibliotecas de centros de idiomas.

### 3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Visando o objetivo geral da pesquisa, os objetivos específicos procuram **analisar:**

- A aquisição dos materiais de informação;
- A seleção dos materiais de informação;
- O estudo de usuários e a avaliação das coleções;
- O desbastamento das coleções.



## 4 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura foi realizada mediante levantamento bibliográfico acerca do desenvolvimento de coleções em unidades de informação e do ensino de Língua Estrangeira – LE ofertado no Brasil. São abordadas as atividades inerentes ao processo de desenvolvimento de coleções e os aspectos relacionados ao ensino de idiomas.

### 4.1 O começo do desenvolvimento de coleções

O desenvolvimento de coleções é uma área que em seus primórdios não possuía todo arcabouço teórico e prático que são encontrados nos dias de hoje. Como qualquer área do conhecimento ela não nasceu pronta e teve que evoluir com o passar do tempo.

No início o desenvolvimento de coleções era limitado às atividades de seleção e aquisição, destaca Weitzel (2002). Mas, mais do que selecionar e adquirir materiais de informação o desenvolvimento de uma coleção trata de uma série de ações que terão impacto direto no cumprimento da missão e dos objetivos de uma biblioteca ou centro de informação. “Desde os tablets de argila ao documento eletrônico não há como formar e desenvolver coleções sem se deparar com questões como “[...] por quê, para quê e para quem colecionar” (WEITZEL, 2002, p. 61). Observar essas indagações, conhecer as etapas e os instrumentos que o desenvolvimento de coleções de hoje nos proporciona é fundamental para diferenciar do trabalho realizado outrora.

Podem-se destacar diferentes períodos na história de como as atividades de seleção e aquisição foram abordadas em determinadas épocas. Como, por exemplo, na Idade Média em que a seleção das obras que seriam copiadas dependia da ótica cristã dos monges para formar uma coleção, comenta Weitzel (2002). Isso passando também pelas “explosões da informação” que afetaram o desenvolvimento de coleções até chegarmos aos anos 60 e 70 em que Vergueiro (1993) relata o *boom* do desenvolvimento de coleções em artigos que começaram a aparecer; dos manuais especializados que foram elaborados; das teses e pesquisas que foram realizadas pelo mundo, além da criação de periódicos que começaram a abordar especificamente o desenvolvimento de coleções.

Nessa época o paradigma da acumulação de material bibliográfico começou a dar lugar aos acervos “seletivos, dinâmicos e integrados à comunidade” (DIAS; PIRES, 2003, p. 9). A partir disso a função do profissional responsável pelo desenvolvimento de coleções

ganha complexidades que o forçam a adotar uma postura estratégica para suprir as necessidades de seus usuários, estabelecendo conexão direta com novas ferramentas que vão subsidiar o gerenciamento do acervo frente à demasiada quantidade de materiais e às novas tecnologias de informação.

Ao observar a trajetória do desenvolvimento de coleções até os dias atuais pode-se perceber como ela foi afetada por diferentes contextos. E novas perspectivas e cenários continuarão a influenciar o desenvolvimento de coleções, proporcionando novos estudos e novas práticas aos profissionais que trabalham com esse tipo de atividade. Para o desenvolvimento de coleções poderão surgir mudanças que irão alterar a sua prática como, por exemplo, a decisão de incorporar ou não no acervo um novo tipo de material proveniente de uma nova tecnologia, ou a necessidade de criação de uma coleção para um ambiente digital, ou a demanda em adquirir materiais específicos para um determinado grupo de usuários. O desenvolvimento coleções é uma atividade que continuará a propor novos desafios.

#### **4.2 Processo de desenvolvimento de coleções**

Ao trabalhar com o desenvolvimento de coleções é determinante conhecer as etapas dessa atividade. Segundo Vergueiro (1989), o desenvolvimento de coleções deve ser encarado como um processo que liga todas as suas atividades de forma contínua, de tal maneira que não se pode determinar o seu início ou fim. Esse processo é realizado de forma planejada e é influenciada por fatores externos. Temos então, um processo constituído por algumas etapas que irão abordar diversas atividades relacionadas com o gerenciamento de um acervo. E a construção desse processo terá relação direta com outros fatores que demonstrarão a não similaridade desse trabalho entre diferentes tipos de unidades. Essa ideia fica mais clara na concepção de Evans (1979 *apud* VERGUEIRO 1989) no processo de desenvolvimento de coleções no que contempla as atividades de seleção, aquisição, avaliação, estudo da comunidade e desbastamento.

Figura 1 – Processo de desenvolvimento de coleções



Fonte: Evans (1979) *apud* Vergueiro (1989)

Como demonstra a imagem, o processo de desenvolvimento de coleções contempla etapas que não chegam a se isolarem umas das outras e estabelecem um processo intermitente. E “[...] dependendo do tipo de biblioteca, a ênfase dada em cada uma das etapas é determinada especialmente pelos objetivos institucionais e tipo de clientela” (WEITZEL, 2006, p. 20). Ou seja, a aplicação do planejamento no desenvolvimento de coleções passa por questões básicas como o de conhecer o contexto institucional em que uma biblioteca está inserida e de saber quem são os seus usuários. Esse tipo de preocupação deve-se a função essencial de uma unidade de informação: atendimento das necessidades de informação dos usuários por meio de serviços.

Como destaca Dias e Pires (2003), há diferentes tipos de bibliotecas/serviços de informação. Elas comentam sobre:

- Bibliotecas Públicas;
- Bibliotecas Escolares;
- Bibliotecas Universitárias;
- Bibliotecas Especializadas;
- Bibliotecas Técnicas;
- Centros de Informação;

- Centros de Documentação;
- Arquivos;
- Centros de Informação Referencial;
- Bibliotecas de Multimídia ou Mediatecas;
- Bibliotecas Digitais.

Em cada tipo elencado acima, encontram-se questões que influenciam o desenvolvimento de coleções, fazendo com que os processos sejam realizados de forma distinta entre elas. O público-alvo, os objetivos e a tipologia dos materiais que irão compor o acervo são alguns exemplos disso. Como ainda comentam Dias e Pires (2003), o diagnóstico para o planejamento no desenvolvimento de coleções também passa por conhecer áreas-chave da instituição como: autonomia da biblioteca no desenvolvimento das coleções e na gestão do orçamento, tecnologia disponível para a gestão do serviço e o impacto dos produtos/serviços nos resultados da instituição.

#### **4.2.1 O estudo da comunidade**

O estudo da comunidade é um processo inerente ao desenvolvimento de coleções. Por meio dele é possível investigar as necessidades de informação do usuário a quem se dirige determinado acervo, e também serve como identificador de possíveis falhas que estejam ocorrendo na prestação de produtos ou serviços de informação. Estudar a comunidade em que a unidade de informação está inserida trata-se de obter dados que podem em muito ajudar o trabalho do bibliotecário na gestão de um acervo.

[...] as coleções precisam necessariamente ter um vínculo estreito com a comunidade à qual se pretende que sirvam. Não podem ir inchando “amebicamente”, sem controle algum, mesclando de forma aleatória os fundos disponíveis para aquisição com as preferências pessoais do bibliotecário ou do usuário. O desenvolvimento de coleções deve ter um plano predeterminado, que deve ser seguido e modificado à medida que as necessidades informacionais da comunidade vão se modificando (VERGUEIRO, 1989, p. 37).

A ligação entre acervo e comunidade é fundamental. Não se podem desenvolver coleções que não estejam em convergência com o que a comunidade precisa. A obtenção de dados pode significar a mudança no direcionamento dos serviços prestados pela biblioteca, pois a análise do consumidor poderá indicar novos rumos a serem seguidos. Ou seja, com a

posse de dados será possível estruturar diferentes ações que afetam a unidade de informação como um todo.

Vergueiro (1989) chama a atenção que para ter conhecimento sobre a comunidade estudada é preciso conhecer algumas características sobre ela como:

- Históricas;
- Demográficas;
- Geográficas;
- Educativas;
- Sócio-econômicas;
- Transporte;
- Culturais e informacionais;
- Políticas e legais;

Para ele essas informações podem ajudar, juntamente com a pesquisa *in loco* com questionários, entrevistas, entre outros, conhecer as necessidades de informação da comunidade. Esses dados podem ser usados de acordo com o tipo de biblioteca. Sendo que a maioria das características supracitadas encaixe-se na perspectiva da biblioteca pública, mas em outros tipos de unidades também podem possibilitar dados importantes no estudo da comunidade.

Essa reflexão sobre a relevância que o estudo da comunidade tem não só para o desenvolvimento de coleções, mas para uma unidade de informação como um todo demonstra o quanto um acervo está relacionado aos seus objetivos e para quem ela se destina. Ao desenvolver uma coleção não se pode dar atenção somente ao usuário real, definido por Cunha e Cavalcanti (2008) como o usuário ativo (conhecedor dos serviços da unidade de informação), mas o bibliotecário também deve considerar o usuário potencial. Definido como:

Pessoa, grupo ou entidade cujas atividades vinculam-se, direta ou indiretamente, ao atendimento da missão e dos objetivos estratégicos da organização ou comunidade na qual está inserida a unidade de informação e podem vir a ser utilizadores dos serviços ou produtos dessa unidade. (CUNHA, CAVALCANTI, 2008, p. 373)

O bibliotecário não pode se deixar influenciar apenas pelas necessidades dos seus usuários reais. O estudo da comunidade pode servir na inserção de novos usuários e aprimoramento das coleções, gerando mudanças nos serviços de informações e resultados

obtidos pela instituição. Conhecer mais a sua comunidade como um todo possibilita conquistar novos usuários e com isso, de fato, aperfeiçoar as atividades de uma biblioteca.

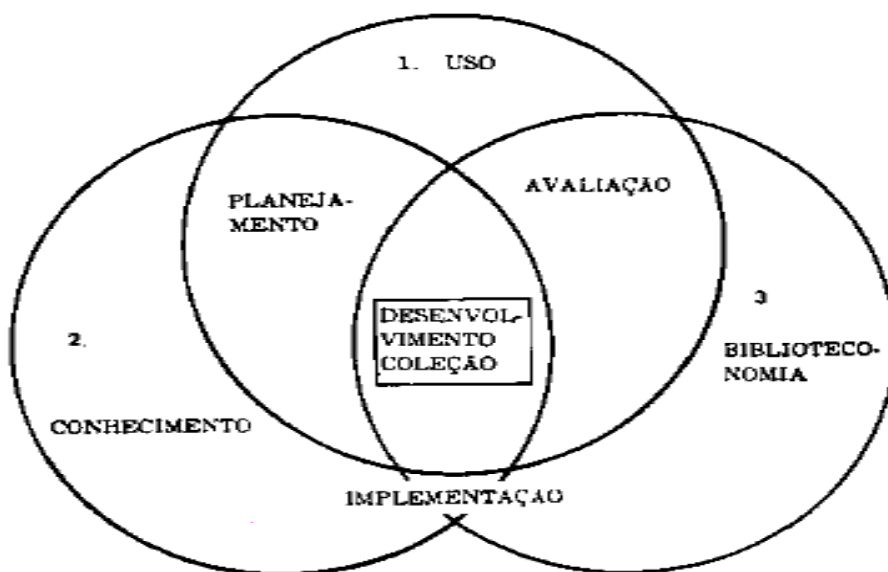
#### 4.2.2 A seleção

A seleção de materiais de informação é uma das atividades mais expressivas na área biblioteconômica. Nela fica evidenciado que o poder decisão sobre o que entrará em um acervo ou não afetará as atividades da biblioteca como um todo e, claro, irá afetar os usuários a quem aquele material será destinado.

Vergueiro (2010) chama a atenção que na atividade de seleção o bibliotecário tem um papel de extrema relevância. Ele destaca duas premissas para isso: 1) o bibliotecário deve conhecer o acervo que está em sua responsabilidade mais do que ninguém. Sabendo em que ponto está fraco ou forte e como está o seu desenvolvimento. 2) o bibliotecário deve conhecer os seus usuários, procurando investigar as suas necessidades e as diferenciado das tendências inconstantes. Ou seja, a atividade de seleção trata-se de uma tomada decisão própria do trabalho do bibliotecário. Ele não pode se abster do processo de seleção, delegando a outros uma função tão vital quanto essa.

No intuito de contribuir com essa tomada de decisão que é o trabalho de desenvolvimento de coleções, Braughman (1976) *apud* Fiuza (1979) traz o seguinte diagrama:

Figura 2 – Abordagem estruturalista de Braughman



Fonte: Braughman (1976) *apud* Fiuza (1979)

De acordo com o diagrama, o uso, o conhecimento e a biblioteconomia referem-se à demanda, à área estudada e ao conjunto de técnicas, respectivamente. Com a relação desses elementos temos: o planejamento da coleção, a implementação (seleção e aquisição) e avaliação da coleção. Enquanto o uso liga-se ao estudo de usuários, há o uso e o conhecimento que se juntam no intuito de escolher o que realmente o usuário necessita. Ou seja, conhecendo a área de estudo e as demandas dos usuários o bibliotecário poderá tomar a melhor decisão para atendê-los. Isso evoca em muito a ideia do processo de seleção.

Selecionar é comparar diferentes materiais bibliográficos sobre um assunto e julgar o valor do material bibliográfico individualmente, em função das necessidades dos usuários, com base na aplicação de princípios e métodos para utilização de verbas na aquisição, da melhor maneira possível evitando desperdícios de recursos e esforços. (DIAS; PIRES, 2003, p. 37)

A tarefa de selecionar não pode ser feita ao acaso, com um único intuito de se acumular material e ter um acervo abarrotado. Ela necessita ser aplicada de forma sistemática a fim de servir uma determinada clientela. O bibliotecário, a grosso modo, separa o “joio do trigo” no processo de seleção título a título.

O custo desses materiais também deve ser levado em consideração. O alto preço dos materiais de informação e muitas vezes a falta de verbas destinadas para o setor de aquisição evidenciam a importância do trabalho de seleção bem estruturado.

Vergueiro (2010) diz que determinados procedimentos na área de seleção de materiais são inerentes a todos os tipos de instituições bibliotecárias. Há procedimentos comuns a todos os tipos de unidades, mas que cada uma pode estabelecer procedimentos mais refinados de acordo com suas particularidades. As considerações indispensáveis nas bibliotecas seriam:

- O assunto;
- O usuário;
- O documento;
- O preço.

O quadro a seguir sumariza esses procedimentos que são considerados na atividade de seleção dos materiais.

Quadro 1 – Procedimentos da seleção

<b>O ASSUNTO</b>	Corresponde a abrangência e restrições que uma unidade estabelece a determinados assuntos ou áreas dentro das suas coleções.
<b>O USUÁRIO</b>	Corresponde ao conhecimento aprofundado sobre os usuários, suas características e preferências. Ou seja, adequação dos materiais de informação aos usuários.
<b>O DOCUMENTO</b>	Corresponde a necessidade de cada documento dentro do acervo. Procura responder se as coleções possuem material suficiente sobre o assunto ou se precisa de mais. Necessidade de conhecimento objetivo sobre o acervo (ligação entre seleção e avaliação de coleções).
<b>O PREÇO</b>	Corresponde ao conhecimento sobre os recursos financeiros disponíveis para a unidade e quanto ela pode se comprometer em relação com o custo do material. Necessidade de avaliar o custo dos materiais com o provável benefício que ele terá aos usuários e ao acervo (ligação entre seleção e aquisição).

Fonte: elaboração a partir de Vergueiro (2010)

O bibliotecário que trabalha na seleção de materiais de informação acaba por se deparar com essas questões. Elas independem do tipo de unidade de informação ou da tipologia do material. O atendimento das necessidades de informação dos usuários compreende a atenção que o bibliotecário deve ter com o assunto. A responsabilidade recai sobre ele na justificativa dos motivos que o levaram a inserir um determinado material dentro do acervo. Se não bastasse ele ainda deve ter o cuidado de verificar se o valor a ser pago por esse documento justifica a sua compra. Segundo Vergueiro (2010) há ainda outras questões



que devem ser pensadas no momento da seleção e se complementam ao assunto, ao usuário, ao documento e ao preço. São elas: a preocupação com a segurança dos materiais por seu avultado valor, objeção dos próprios usuários a inserção do material no acervo, materiais que tratam de assuntos polêmicos e a qualidade do material selecionado.

#### 4.2.2.1 Política de seleção

A política de seleção é o documento que contém as diretrizes que irão direcionar as atividades de seleção dos materiais na biblioteca. Ele é “[...] um manual administrativo e imagina-se que [...] fará parte de um conjunto de documentos que guiarão as atividades ligadas ao desenvolvimento da coleção” (VERGUEIRO, 2010, p. 72). Para tanto o autor estabelece alguns elementos que o documento de política de seleção deve possuir. Esses elementos visam uma boa elaboração da política, relatando pontos cruciais da atividade de seleção e o bom entendimento do documento. No quadro abaixo estão esses elementos e suas principais características.

Quadro 2 – Elementos da política de seleção

<b>Identificação dos responsáveis pela seleção de materiais</b>	Relata e ratifica todos aqueles responsáveis pela seleção dos materiais de informação, inclusive comissões de seleção.
<b>Os critérios utilizados no processo</b>	Detalhamento claro dos critérios adotados pela biblioteca na seleção dos materiais.
<b>Os instrumentos auxiliares</b>	Também chamados de fontes de seleção. Eles dão apoio à tomada de decisão.
<b>As políticas específicas</b>	Destina-se aos casos de seleção que requerem um tratamento distinto dos demais. Ex: materiais não convencionais.
<b>Os documentos correlatos</b>	Correspondem a documentos como fluxogramas, organogramas matrizes, portarias e outros.

Fonte: elaboração a partir de Vergueiro (2010)

Ao se estipular uma política de seleção se explicitam as razões pelos quais os materiais são incorporados ao acervo e as operações que apoiam a tomada de decisão dos profissionais da área. “Estabelecer uma política de seleção envolvendo os seguintes aspectos: prioridades, distribuições de recursos, tipo de material, especialidade, nível de escolaridade e idioma” (DIAS, PIRES, 2003, p. 38). A política de seleção da biblioteca contempla diversos aspectos, devendo ela deixar claro cada etapa do trabalho, pois inclusive tem a função de deixar transparecer diante de usuários e da própria administração a racionalização que o acervo deve possuir.

Dias e Pires comentam muitas outras diretrizes que a política de seleção pode seguir. Elas vão desde o estabelecimento de uma bibliografia básica para atender necessidades e interesses, passando pela questão do direito autoral até a criação de mecanismo de coleta de informações em conjunto com os setores de referência e aquisição. Ou seja, a política de seleção deve ser um reflexo da boa prática da atividade de seleção e sempre ser atualizada frente as mudanças das rotinas que envolvem a seleção de materiais.

As bibliotecas podem tratar em sua política do processo de seleção de uma maneira diferente entre elas. Essas peculiaridades inerentes às bibliotecas podem, por exemplo, ser diferentes nos critérios de seleção ou até mesmo na presença ou não de uma comissão de seleção. Um dos fatores que vão diferenciar o modo de selecionar é o tipo de unidade de informação.

**Biblioteca pública:** seleciona materiais de caráter educacional, cultural, recreativo e, também, de nível, menor peso para itens de nível complexo no trato da matéria, atender a demanda imediata/solicitações, assuntos de momentos e, ainda, materiais populares e indústria editorial.

**Biblioteca escolar:** seleciona materiais relacionados aos objetivos dos cursos oferecidos e ao nível dos alunos, materiais didáticos e aspectos pedagógicos dos materiais.

**Biblioteca universitária:** seleciona o valor do item para atividades de ensino e pesquisa, os assuntos de interesse da coleção e a abrangência em relação aos formatos.

**Biblioteca especializada/empresa:** seleciona material diretamente relacionado aos objetivos, a escolha exaustiva e não-seletiva, a abrangência de formatos e a seleção itens individuais/bases de dados. (DIAS; PIRES, 2003, p. 40-41)

Cada tipo de biblioteca possui um enfoque que visa justamente cumprir um determinado objetivo. O bibliotecário deve registrar na política de seleção o *modus operandi* da sua unidade em convergência com a finalidade para a qual a biblioteca funciona. Sem a devida coerência ele não poderá justificar a inclusão ou não de determinado material, cabendo

a ele então se responsabilizar pelas possíveis pressões que poderá receber sobre as suas práticas. A política de seleção serve exatamente para repelir tais pressões e tornar o processo de seleção mais eficaz.

#### **4.2.3 Aquisição**

O serviço de aquisição depende das atividades de seleção. É uma atividade que muitas vezes se mistura ao trabalho de seleção e em outros momentos ocorre após essa. “Aquisição é o processo de agregar itens a uma coleção por meio de compra, doação ou permuta. [...] É a operação que [...] implementa as decisões da seleção ao incorporar à coleção os itens selecionados” (LIMA; FIGUEIREDO, 1984, p. 145). A aquisição representa um aspecto administrativo, pois trata do orçamento e da atribuição de recursos. Ela é uma atividade que exige do bibliotecário conhecimento acerca das modalidades de aquisição, dos fornecedores de materiais de informação e de uma série de procedimentos operacionais que a atividade demanda. Andrade e Vergueiro (1996) destacam que a aquisição necessita de profissionais especializados para realizar este trabalho. O ideal é que a responsabilidade pela aquisição dos materiais de informação fique sob a responsabilidade do bibliotecário.

A fim de se registrar as atividades que fazem parte do trabalho de aquisição, Andrade e Vergueiro (1996), orientam a formulação de um manual de aquisição que oriente e sintetize o funcionamento do setor. É importante a harmonia desse instrumento com a política de seleção. O manual pode conter: o apontamento dos responsáveis pela aquisição; os procedimentos de organização das sugestões; os fornecedores; os instrumentos auxiliares; a organização da compra dos materiais; a organização da permuta e intercâmbio de materiais; e a forma como se faz o pedido de obras por doação.

Quando se trata de recursos financeiros públicos para a aquisição de materiais de informações é importante o responsável pela aquisição ter conhecimento a respeito da Lei de Licitações e Contratos nº 8.666/1993, atualizada pela Lei 8.883, de 08/06/1994. De acordo com a Lei, as modalidades que se referem à aquisição de material bibliográfico são: o convite, a tomada de preços e a concorrência.

Em bibliotecas de administração pública as modalidades de licitação mais frequentes são o convite, utilizado principalmente para as compras de pequena monta, e a tomada de preço, aplicada quando o montante dos recursos ultrapassa o valor máximo permitido na modalidade convite. A concorrência [...] destina-se a compras de grande vulto, como as efetuadas por sistemas de bibliotecas universitárias ou agências financiadoras [...] (ANDRADE; VERGUEIRO, 1996, p. 28-29).

É importante salientar as modalidades de aquisição de material bibliográfico, mas o conhecimento acerca do mercado editorial pode ser fundamental para a compra de materiais. Sumarizando as principais informações sobre os fornecedores de materiais, temos o seguinte quadro, de acordo com Andrade e Vergueiro (1996):

Quadro 3 - Fornecedores de materiais de informação

<b>Editoras</b>	Responsáveis pela edição de publicações. Elas podem realizar a venda diretamente ao consumidor. A compra direta nas editoras não usa intermediários. Daí a necessidade de se manter contato direto com as necessidades para controlar as encomendas.
<b>Livrarias</b>	As livrarias são intermediárias. Elas vendem a varejo os materiais das editoras. Grandes livrarias possuem grande quantidade de títulos em seu estoque e as edições mais recentes. A vantagem é a velocidade do processo.
<b>Agências e distribuidoras</b>	Assim como as livrarias, as agências e distribuidoras são intermediárias. Elas fornecem materiais de informação de várias editoras. Dentro do limite do mercado, elas conseguem uma variedade de matérias de diversas fontes independentemente da editora ou data de publicação. E podem atuar em áreas especializadas.

Fonte: elaboração a partir de Andrade e Vergueiro (1996)

Além dos fornecedores supracitados, os autores destacam o *approval plans* em que um fornecedor usa o perfil de uma biblioteca para fazer entregas regulares de materiais de informação. Então, a biblioteca que recebeu os materiais bibliográficos analisa se tem interesse ou não neles.

A fim de se diminuir os custos inerentes à compra de materiais, dividir responsabilidades nessa compra e otimizar o desenvolvimento das coleções há algumas

formas de aquisição que representam procedimentos operacionais que podem beneficiar o trabalho de aquisição das bibliotecas e centros de informação por meio do compartilhamento de recursos e estabelecimento das preferências na aquisição. Essas formas são:

**Aquisição planejada** — a instituição faz um programa onde planeja formar ou ampliar sua coleção conforme princípios definidos dentro da filosofia e das diretrizes institucionais. O programa estabelece prioridades e procedimentos para adquirir o material informacional.

**Aquisição cooperativa** - *as instituições*, mediante acordos e convênios, estabelecem programas envolvendo bibliotecas de uma mesma região, com os mesmos interesses e com especializações de assuntos, com a finalidade de assegurar acesso a informações relevantes ao maior número possível de usuários. (LIMA; FIGUEIREDO, 1984, p. 146, grifo nosso).

Essas formas de aquisição buscam melhorar a obtenção de materiais de informação em meio a uma escassez de recursos financeiros e/ou melhorar o custo-benefício por meio da colaboração entre unidades que possuem o mesmo foco de atuação. Assim sendo, podem ser fundamentais na formação e desenvolvimento de coleções, pois proporcionam melhor aproveitamento dos materiais de informação entre as unidades e o melhor direcionamento na aquisição dos materiais.

#### 4.2.4 Avaliação, desbastamento e descarte

A avaliação serve para medir o êxito obtido pelo desenvolvimento de coleções de uma biblioteca ou centro de informação. Isso de acordo com um propósito pré-estabelecido. Essa avaliação é mais um processo inerente à formação e desenvolvimento de um acervo. Para Figueiredo (1979), a avaliação deve levar em consideração a razão de ser da biblioteca, seja por sua missão ou objetivos, seja por suas metas estabelecidas. Por meio da avaliação ocorre a verificação sistemática dos materiais de informação da biblioteca. Essa avaliação pode subsidiar as ações corretivas necessárias, além de influenciar as atividades de desbastamento e descarte das coleções.

A avaliação de um serviço, seja ele qual for, tem papel imprescindível na tomada de decisão e na solução de possíveis problemas, pois os resultados encontrados possibilitam ao administrador traçar o diagnóstico e o prognóstico do serviço avaliado, determinando, dentre várias estratégias, qual será a mais pertinente no momento. (GUSMÃO, et al, 2009, p. 293)

A avaliação, portanto, é uma fonte de grande relevância para o bibliotecário na gestão de um acervo. As informações obtidas irão revelar o quão bem ou não está sendo o desenvolvimento das coleções. Os diferentes métodos de avaliação podem revelar as

informações necessárias para reunir, analisar e interpretar as informações obtidas. Dias e Pires (2003) falam em cinco níveis em que as coleções podem ser avaliadas: nível de completeza; nível de pesquisa; nível de estudo; nível básico e nível mínimo. Para elas alguns critérios na avaliação devem ser levados em conta como: custo investido na entrada do sistema; a efetividade de atingir um objetivo; o custo/efetividade e os benefícios. Então, a avaliação de coleções procura por meio de alguns métodos obter uma noção do resultado que está sendo alcançado. “É geralmente aceito que quantidade e qualidade de uma coleção [...] depende quase que inteiramente do programa de aquisição [...] e, mais importante, dos métodos de seleção” (FIGUEIREDO, 1979, p. 11). As políticas que norteiam o trabalho de aquisição e seleção acabam passando por uma verificação quando se faz a avaliação das coleções. Figueiredo (1979) cita alguns métodos de avaliação como: a compilação de estatísticas da coleção; verificação de listas, catálogos, bibliografias; obtenção de opiniões dos usuários reais; exame direto do acervo; e aplicação de padrões utilizando vários métodos anteriores.

Essas observações em relação ao acervo podem responder sobre o atendimento da demanda da unidade, informando sobre a circulação dos materiais e sobre os pedidos não atendidos. Além de possibilitarem conhecer a maneira com que seus usuários enxergam as coleções e demais fatores que subsidiam a sua correta avaliação. Esses métodos podem culminar em atividades muito particulares no desenvolvimento de coleções: o desbastamento e o descarte.

O desbastamento consiste na retirada de documentos pouco utilizados pelos usuários, de uma coleção de uso frequente para outros locais [...]. Já o descarte, consiste na retirada definitiva do material do acervo da biblioteca, com a correspondente baixa nos arquivos de registro da mesma. (MACIEL; MENDONÇA, 2006, p. 25 *apud* WEITZEL, 2006, p. 37)

Esse processo de remoção dos materiais de informação serve para manter o equilíbrio do acervo, promovendo a melhor utilização dos materiais mais demandados e fazendo com que o acervo mantenha-se sempre atualizado. O desbastamento retira títulos/coleções do acervo para remanejamento ou descarte. O descarte (também conhecido como seleção negativa), como o próprio nome sugere, irá deixar o acervo permanentemente. O material acaba recebendo baixa no sistema da unidade, deixando de existir nas coleções. Segundo Weitzel (2006), o desbastamento e o descarte também requerem políticas próprias que irão estabelecer os critérios particulares para orientar o processo de retirada dos materiais. Ou seja, essas ações dependem de uma justificativa para serem tomadas.

### 4.3 O aprendizado de outros idiomas

Em uma sociedade cada vez mais globalizada e exigente com o aperfeiçoamento profissional aprender uma segunda língua é fundamental. Saber se comunicar em outro idioma é um requisito cada vez mais presente no dia a dia. Isso é perceptível, por exemplo, quando se observa a quantidade de empresas de origem estrangeira no país. Elas ofertam diversos produtos que muitas vezes possuem denominações não pertencentes à língua portuguesa. Segundo Tramonte (2002), conhecer uma língua estrangeira é considerado um direito ao exercício de cidadania que não se restringe somente a alunos em fase escolar. Atualmente, necessitamos adquirir informações em outras línguas para realizarmos atividades voltadas ao trabalho e/ou estudo e em muitas outras situações.

É inegável a importância que o aprendizado de outras línguas tem nos dias de hoje. Nunca, ao longo da história conhecida da humanidade, tanta ênfase foi dada à necessidade de saber se comunicar em, pelo menos, dois idiomas. Mesmo no tempo em que o latim era a língua franca do mundo ocidental, sua utilização era restrita à minoria dominante composta pela nobreza e pelo clero. Atualmente, porém, cidadãos de quase todas as classes sociais são pressionados a adquirirem outra língua, quase sempre o inglês. (HARGREAVES, 2004, p. 23)

Esse cenário de imposição ao aprendizado de outros idiomas fez surgir inúmeros cursos que oferecem o ensino das mais variadas línguas, principalmente o inglês que possui uma forte influência cultural mundo a fora. Não só instituições privadas de educação atuam nesse meio, mas o próprio ensino público já há algum tempo reconhece a importância do ensino de LE no currículo da educação formal com a qual ela trabalha. Diante das demandas e tendências, o ensino de línguas tornou-se um grande mercado e o ensino público também tratou de abordar o mérito da aprendizagem de idiomas.

[...] a sociedade educacional brasileira reconhece um valor educacional formativo na experiência de aprender outras línguas na escola. Reconhece esse bem cultural ao garantir de alguma forma a presença da disciplina Língua Estrangeira (LE) no currículo e mesmo quando duvida da eficácia do ensino escolar e leva seus filhos e a si mesma para aprender línguas em escolas e institutos particulares de idiomas (ALMEIDA FILHO, 2002, 7 p. *apud* CHAVES, 2006, p. 2).

A importância do ensino e aprendizagem de LE no país Brasil é devidamente reconhecida, mas a sua qualidade pode por vezes ser preterida, possivelmente pela preocupação restrita à implementação e oferta do ensino por parte das instituições públicas e

particulares. Pela importância do ensino e da aprendizagem de uma LE nos dias atuais muitos a buscam, podendo muitas vezes não confiar plenamente na educação ofertada pelas instituições de ensino. As pessoas que possuem um poder aquisitivo melhor conseqüentemente acabam procurando instituições que possuem um reconhecimento dentro da sociedade.

O aprendizado de idiomas muitas vezes acontece de maneira não formal. Por meio de jogos, filmes, músicas, etc. e as pessoas acabam por adquirir algum conhecimento sobre uma língua estrangeira. No ensino formal de LE há os professores que levam à sala de aula referências do cotidiano dos alunos para dinamizar o ensino de línguas.

[...] o ensino aprendizagem de língua estrangeira não acontece mais como um processo estático, circunscrito apenas aos atos de ler e escrever minimamente, mas faz parte da dinâmica do dia-a-dia de todos, inclusive de crianças pequenas. Antenados com o movimento de globalização, os pais têm se preocupado cada vez mais com o ensino de seus filhos, visando também, o futuro profissional deles. Diante disso, a procura pelas escolas bilíngues ou por escolas de idiomas têm crescido significativamente nos últimos anos, pois podemos observar que houve um grande crescimento no mercado de escolas bilíngues e de escolas de idiomas para crianças [...] (PAIVA, 2013, p. 21).

A busca pela aquisição de uma língua estrangeira é uma realidade que movimenta o mercado privado que oferta esse tipo de serviço. São inúmeras as instituições que atuam nesse ramo de ensino e paulatinamente passam a oferecer o aprendizado das mais variadas línguas, tendo o inglês alcançado o *status* de língua universal.

Para Tramonte (2002), o ensino de LE em nosso país provoca uma necessidade cada vez maior devido aos grandes períodos de elitização educacional em que classes populares foram excluídas de conhecer as riquezas culturais que outros idiomas trazem consigo. Ter acesso ao ensino de LE é uma forma de minimizar essa exclusão. E, atualmente, existem as mais variadas motivações para se aprender uma LE: o aperfeiçoamento profissional, o acesso a mais informações, melhores salários, melhores oportunidades, lazer, entre outros.

#### **4.4. O ensino de línguas no Brasil**

O ensino não formal de línguas estrangeiras no Brasil começou a partir do seu descobrimento, de acordo com Chaves (2006). Ela comenta que os jesuítas, entre 1500-1808, ensinavam os nativos a língua portuguesa para catequizá-los, ao mesmo tempo em que



aprendiam a língua deles. Somente depois de certo tempo o ensino formal de LE foi implantado no ensino do país.

Foi só muito lentamente, a princípio com a chegada da Família Real, em 1808, posteriormente com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e finalmente com a reforma de 1855, que o currículo da escola secundária começou a evoluir para dar ao ensino das línguas modernas um status pelo menos semelhante ao das línguas clássicas. O ensino das línguas modernas durante o império parecia sofrer de dois graves problemas: falta de metodologia adequada e sérios problemas de administração. (LEFFA, 1999, p. 4)

Há nesse período imperial um descrédito em relação ao ensino de línguas, pois segundo Leffa (1999) a metodologia de ensino estava restrita a tradução e análise gramatical. E administração dos cursos presa às congregações dos colégios, sem requisitos para gerir os cursos em suas complexidades. Tais fatos de quão longe já vem o ensino formal de LE e as suas problemática.

Durante o período republicano “o ensino do grego desaparece, o italiano não é oferecido ou torna-se facultativo e o inglês e alemão passam a ser oferecidos de modo exclusivo; o aluno faz uma língua ou a outra mas não as duas ao mesmo tempo” (LEFFA, 1999, p. 6). Nesse período a carga horária oferecida nos cursos de línguas também já diminuía. As mudanças nos cursos regulares de línguas continuam com a reforma de 1930.

No que concerne ao ensino de línguas, a reforma de 1931 introduziu mudanças não apenas quanto ao conteúdo, mas principalmente quanto à metodologia de ensino. Em termos de conteúdo, foi dada mais ênfase às línguas modernas, não por um acréscimo em sua carga horária, mas pela diminuição da carga horária do latim. A grande mudança, porém, foi em termos de metodologia. Pela primeira vez introduzia-se oficialmente no Brasil o que tinha sido feito na França em 1901: instruções metodológicas para o uso do método direto, ou seja, o ensino da língua através da própria língua. (LEFFA, 1999, p. 7)

Essas mudanças tiveram bastante impacto na metodologia de ensino de línguas estrangeiras no Brasil, mas para Leffa (1999) a maior mudança aconteceu em 1942 com a Reforma Capanema que se preocupava, assim como a reforma de 1930 com a metodologia no ensino de línguas. “Recomendava-se o uso do método direto, com ênfase em ‘um ensino pronunciadamente prático’, [...] o ensino deve ser orientado não só para objetivos instrumentais [...] mas também para objetivos educativos e culturais” (LEFFA, 1999, p. 10). O período das décadas de 40 e 50 foram os melhores anos do ensino de línguas estrangeiras

no país. Mas em 1960, Chaves (2006) comenta que ao mesmo tempo em que existe o aumento do número de cursos particulares de inglês e a sua influência em nossa cultura, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) deixa a cargo dos estados a opção de adotar ou não o ensino de LE nos currículos da educação básica.

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries) veio com uma nova LDB (1996) que tornava obrigatório o ensino de línguas a partir da 5ª série. O PCN do ensino fundamental versa, entre outras coisas, sobre a perspectiva pragmática do ensino de LE:

Para ser um participante atuante é preciso ser capaz de se comunicar. E ser capaz de se comunicar não apenas em uma língua materna, mas também em uma ou mais línguas estrangeiras. O desenvolvimento de habilidades comunicativas, em mais de uma língua, é fundamental para o acesso à sociedade da informação. Para que as pessoas tenham acesso mais igualitário ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia, etc, é indispensável que o ensino de Língua Estrangeira seja entendido e concretizado como o ensino que oferece instrumentos indispensáveis de trabalho. (BRASIL, 1998, p. 38)

A perspectiva que está contida no PCN de LE do ensino fundamental demonstra a relevância da aquisição de uma língua estrangeira. O cenário atual conserva o ensino LE no currículo da educação nacional. Há a oferta do ensino de diferentes idiomas em nossas escolas. Sendo que o componente curricular LEM também está presente no ensino médio.

Para que ocorra a formação de cidadãos aptos a conviverem e interagirem em mundo globalizado e cada vez mais pluralizado, comunicar-se é um pressuposto básico. Fato esse que deve promover a reflexão sobre a qualidade e efetivação do ensino de LE na educação dos indivíduos por meio das instituições de ensino.

## 5 METODOLOGIA

O estudo do desenvolvimento de coleções nas bibliotecas de centros de idiomas visa analisar como são realizadas as atividades de aquisição, seleção, estudo de usuários, avaliação e o desbastamento das coleções. Para isso foram selecionadas quatro instituições conforme as Línguas Estrangeiras Modernas (LEM) ofertadas na rede pública de ensino do Distrito Federal (DF) pelo Centro Interescolar de Línguas (CIL). Esses idiomas são: o inglês, o espanhol, o alemão e o francês.

A pesquisa priorizou as instituições que possuem profissionais bibliotecários dedicados ao gerenciamento das unidades de informação em seu quadro de colaboradores e as instituições que possuem reconhecimento em sua área de atuação.

As bibliotecas selecionadas foram as das seguintes instituições (todas localizadas em Brasília RA – I):

- Casa Thomas Jefferson (CTJ);
- Instituto Cervantes de Brasília;
- Goethe-Zentrum;
- Aliança Francesa.

De acordo com Fernandes (2004), a metodologia refere-se às técnicas que o pesquisador utilizará para por os métodos em prática, definindo a forma de execução do tema. Ela é a responsável pela condução e abordagem que a pesquisa terá a fim de alcançar os objetivos pretendidos.

Desse modo, a pesquisa requer uma sondagem do fenômeno. Ela possui o aspecto qualitativo, pois “[...] envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada [...]” (CLEMENTE, 2007). E quantitativo, pois utilizada as variáveis quantitativas na análise numérica das respostas obtidas.

O instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi o questionário. Ele foi aplicado a três profissionais bibliotecários e um profissional formado na França em civilização e literatura francesa.

De acordo Lakatos e Marconi (2003), algumas das vantagens do questionário é a obtenção de respostas mais precisas e que materialmente seriam inacessíveis.

O questionário possui perguntas abertas e fechadas e é constituído de 21 questões separadas em seis áreas (aspectos gerais, aquisição, seleção, estudo de usuários e avaliação das coleções, e, por último, o desbastamento das coleções).

### **5.1 Pré-teste**

O pré-teste (versão preliminar do questionário) serviu para identificar possíveis problemas na formulação das perguntas, possibilitando o aperfeiçoamento do instrumento de coleta de dados.

Segundo Chagas (2000), é importante a execução de um pré-teste, pois provavelmente “[...] não se consiga prever todos os problemas e/ou dúvidas que podem surgir durante a aplicação do questionário”. Portanto, foi selecionado como local de realização do pré-teste o Information Resource Center (IRC).

O IRC é a biblioteca da Embaixada dos Estados Unidos. Ela fornece conteúdo especializado e variado sobre o país norte americano, contando com bibliotecários para responder questões acerca das relações entre Brasil e Estados Unidos. O IRC está localizado na RA (XVI) do Lago Sul, no DF, onde o pré-teste foi aplicado.

Por meio do pré-teste foi possível corrigir e validar alguns pontos que o questionário necessitava. Chagas (2000) diz que depois da “[...] revisão originada no pré-teste o questionário estará em condições de ser aplicado eficazmente na pesquisa”. O questionário então foi aplicado nos centros de idiomas somente após a supressão de lapsos.

## 6 Os centros de idiomas

A análise do desenvolvimento de coleções nas bibliotecas de centros de idiomas foi realizada em quatro instituições distintas. No caso da língua inglesa a instituição escolhida foi a Casa Thomas Jefferson – CTJ, para a língua espanhola o Instituto Cervantes, para a língua alemã o Goethe-Zentrum e para a língua francesa a Aliança Francesa. A seguir são apresentadas cada uma desses centros.

A CTJ é um Centro Binacional, fundado em 1963 e que tem por objetivo a promoção do intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos, de acordo com o sítio da CTJ. “Este intercâmbio se dá por meio do ensino da língua inglesa e da promoção da cultura dos dois países”. (CASA THOMAS JEFFERSON). Trata-se, portanto, de uma instituição dedicada não só ao ensino do idioma inglês, mas também uma troca cultural por meio do ensino da língua. “O trabalho desenvolvido ao longo de quatro décadas obteve o reconhecimento da Embaixada dos Estados Unidos, que conferiu à CTJ o certificado de excelência em sua área de atuação no Brasil.” (CASA THOMAS JEFFERSON). A instituição realiza este trabalho em Brasília há mais de cinquenta anos e está presente no DF em seis instituições distintas.

A CTJ encontra-se em Águas Claras (RA XX), no Lago Sul (RA XVI), no Sudoeste (RA XXII), em Taguatinga (RA III) e em duas unidades (Asa Sul e Asa Norte) em Brasília (RA I). Há apenas duas unidades que contam com profissionais bibliotecários, sendo elas as unidades de Brasília. A pesquisa foi realizada na CTJ da Asa Sul, matriz da instituição.

Figura 3 – Casa Thomas Jefferson (Matriz, Asa Sul)



Fonte: elaborado pelo autor

O Instituto Cervantes “é a maior instituição mundial dedicada ao ensino do espanhol”. (INSTITUTO CERVANTES, 1991-2014). O instituto está presente na capital federal na quadra 707/907 da Asa Sul desde 2007. Assim como a CTJ, o Instituto Cervantes procura trabalhar o ensino do idioma aliado à promoção da cultura estrangeira, nesse caso a cultura dos países que têm como idioma o espanhol, sobretudo a da Espanha.

O Instituto Cervantes é a instituição criada pela Espanha em 1991 para promover, ensinar espanhol e difundir a cultura da Espanha e dos países que têm como idioma oficial o espanhol. A sede central da instituição se encontra em Madrid e em Alcalá de Henares (Madrid), cidade de nascimento do escritor Miguel de Cervantes. Os centros do Instituto Cervantes estão situados em quatro continentes. (INSTITUTO CERVANTES, 1991-2014)

Uma das peculiaridades do Instituto Cervantes é o ensino também de línguas co-oficiais da Espanha. Esse é o caso da língua catalã, do galego e do basco. Sendo que, atualmente, o Instituto Cervantes conta com uma rede de institutos espalhada pelo Brasil. Ele está presente em Belo Horizonte, Minas Gerais; Brasília, Distrito Federal; Curitiba, Paraná; Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Recife, Pernambuco; Rio de Janeiro, RJ; Salvador, Bahia e São Paulo, SP. Totalizando, assim, oito centros espalhados pelo Brasil, país que hoje possui a maior quantidade de institutos.

Figura 4 – Instituto Cervantes Brasília



Fonte: elaborado pelo autor

O Goethe-Zentrum Brasília é uma instituição dedicada ao ensino da língua alemã na capital brasileira. Sendo a única instituição licenciada na região centro-oeste do Brasil autorizada na aplicação de exames do Goethe-Institut. Ela está localizada na quadra 707/907 da Asa Sul e atua desde 1998 quando assumiu o lugar do Goethe-Institut Brasília no ensino de alemão na cidade.

O Goethe-Zentrum Brasília, conveniado ao Goethe-Institut, assumiu em abril de 1998, como sucessor natural do extinto Goethe-Institut Brasília, fundado em 1971, a continuidade do ensino de língua alemã na capital do Brasil. Conforme esse convênio, sua tarefa consiste na realização de cursos de língua alemã, bem como o fomento do intercâmbio cultural entre o Brasil e a Alemanha. O Goethe-Zentrum Brasília organiza e realiza um grande leque de eventos culturais e cursos de alemão em todos os níveis. (GOETHE-ZENTRUM, 2014)

O Goethe-Zentrum de Brasília possui um convênio com o Goethe-Institut que é uma entidade sem fins lucrativos. O Goethe-Institut busca o intercâmbio cultural e a difusão do idioma alemão. No Brasil o Goethe-Institut está presente em Curitiba, Paraná; Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Rio de Janeiro, RJ; Salvador, Bahia e São Paulo, SP. Sediado na cidade de Munique na Alemanha, ele é O Instituto Cultural da República da Alemanha, vinculado ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.

Figura 5 – Goethe-Zentrum Brasília



Fonte: elaborada por autor



A instituição analisada na pesquisa no ensino de francês é a Aliança Francesa de Brasília. Ela “é uma associação sem fins lucrativos, a serviço da promoção da língua francesa e das culturas francófonas, com padrão de excelência no ensino do francês”. (ALIANÇA FRANCESA BRASÍLIA). O centro de idioma francês teve origem na Casa de Cultura Francesa, em 1959.

No ano de 1961, a instituição teve o seu nome alterado para Associação Brasileira de Cultura Franco (nome oficial da Aliança Francesa). “Ao longo dos anos, a Aliança teve que expandir para acomodar mais alunos, agora mais de 3.000 por ano, tornando-se a primeira escola de língua francesa do Distrito Federal e o terceiro Alliance francesa do país, atrás de São Paulo e Rio de Janeiro”. (ALIANÇA FRANCESA BRASÍLIA). A Aliança Francesa de Brasília conta com diversos parceiros e convênios, inclusive com a Secretaria de Educação do GDF. Fato que permite a vários alunos da rede pública estudar a língua francesa na instituição.

Figura 6 – Aliança Francesa Brasília



Fonte: elaborada por autor



## 6.1 ANÁLISE DOS DADOS

### 6.1.1 Panorama das bibliotecas

As quatro bibliotecas analisadas contam com profissionais que trabalham exclusivamente na gestão dessas unidades. Três delas contam com profissionais bibliotecários e em uma há um profissional, formado fora do Brasil, que estudou a civilização e a literatura francesa.

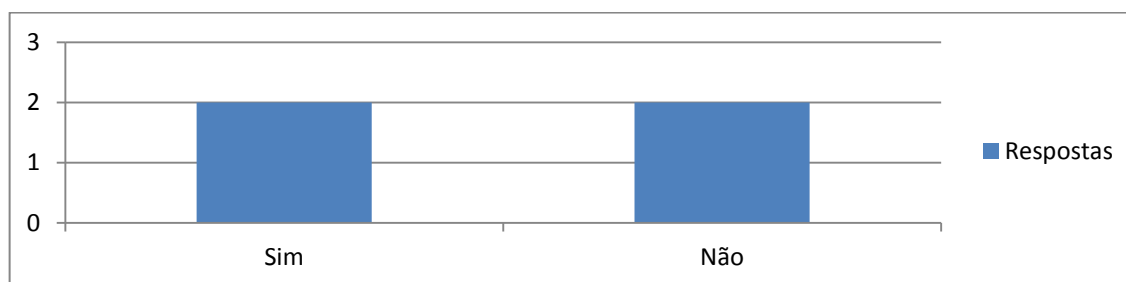
A CTJ possui seis unidades espalhadas pelo DF. Somente duas delas contam com profissionais bibliotecários. A pesquisa foi realizada na matriz da CTJ que fica na Asa Sul na biblioteca Ana Maria Assumpção. O Instituto Cervantes de Brasília tem como unidade de informação a Biblioteca Ángel Crespo (poeta, ensaísta, tradutor e crítico da arte espanhola). O Goethe-Zentrum em Brasília tem como suporte ao ensino da língua alemã uma biblioteca ou *bibliothek*, em alemão. A Aliança Francesa de Brasília tem como unidade de informação uma Mediateca, nome que vem do francês *médiathèque*.

A primeira indagação presente no instrumento de coleta de dados é referente à existência ou não de um documento formal que oriente as atividades de desenvolvimento de coleções. Questão 1A (**Possui documento formal que orienta as atividades de desenvolvimento de coleções?**).

Os resultados obtidos revelaram que duas delas não possuem um documento formal a respeito das atividades de desenvolvimento de coleções. A outra metade das unidades afirmou possuir um documento formal.

A questão indagava, caso a resposta fosse positiva, qual seria o documento que a unidade possui. As respostas representaram em sua totalidade que o documento é a “política de desenvolvimento de coleções” (PDC).

Gráfico 1 – Possui algum documento que orienta o desenvolvimento de coleções?



Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com as *Diretrizes para uma política de desenvolvimento de coleções sobre a base do modelo Conspectus*, documento publicado pela IFLA em 2001, a PDC possui um motivo básico para ser escrita: “[...] evitar que a biblioteca atue impulsionada por acontecimentos ou por entusiasmos individuais e adquira uma série de materiais eleitos aleatoriamente que podem não ser adequados para a sua missão” (tradução nossa).

Ou seja, a PDC deve possuir uma sintonia entre as atividades inerentes ao desenvolvimento de coleções e a missão, objetivos e metas da instituição mantenedora da qual a biblioteca faz parte.

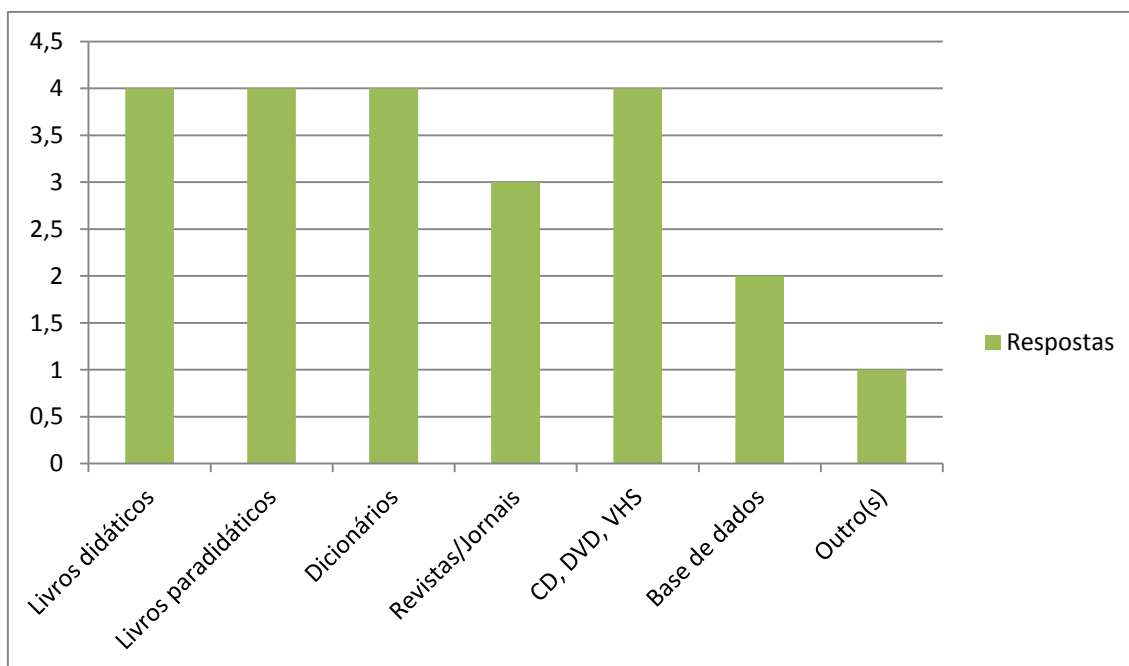
Figura 7 – Acervo da Biblioteca Ángel Crespo



Fonte: elaborado pelo autor

A questão 1B (**Quais os materiais de informação compõem o acervo?**) procurou identificar as diferentes coleções que as bibliotecas possuem. Os materiais similares a todas elas foram: livros didáticos, livros paradidáticos, dicionários e CD, DVD, VHS. Sendo que três dessas unidades possuem como material de informação revistas/jornais. E metade delas possui base de dados. O próximo gráfico demonstra a quantidade de respostas obtidas para cada tipo de material.

Gráfico 2 – Tipos de materiais de informação



Fonte: elaborado pelo autor

A questão 1B possibilitava a marcação da opção “outro(s)”. Uma das unidades assinalou essa opção. A questão solicitava a especificação desse(s) tipo de material/materiais.

Os outros tipos de materiais listados dessa unidade foram: “partituras, mapas, guias, gibis, livros e áudio livros”. Sendo essa biblioteca, então, a unidade que possui a maior diversidade de materiais de informação entre as bibliotecas pesquisadas.

A questão 1C (**Atualmente, a unidade dispõe de quantos documentos em seu acervo?**) foi uma pergunta aberta para os respondentes. As respostas obtidas, em ordem crescente, foram:

- 6.800 documentos;
- 13.000 documentos;
- 18.000 documentos;
- 20.000 documentos.

A unidade com maior número de documentos tem quase três vezes o número de documentos do que a com menor quantidade. O fato é que a quantidade de documentos não necessariamente tem relação com a qualidade das coleções e os serviços prestados. “Antigamente ocorria uma enorme preocupação [...] em aglomerar materiais bibliográficos, uma vez que seus acervos com grande quantidade de volumes representavam garantia de

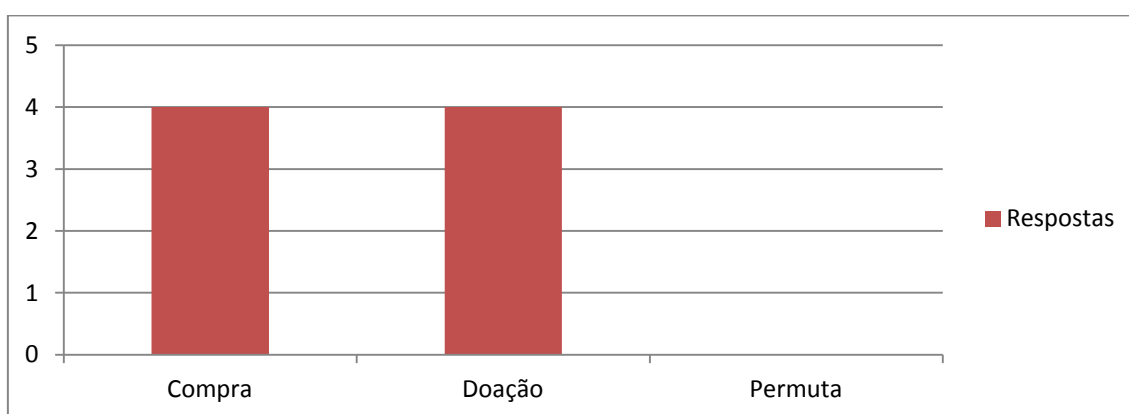
*status* [...], o foco estava na oferta de documentos e não na qualidade” (MIRANDA, 2007, p.5). Atualmente, há uma maior preocupação na qualidade dos serviços prestados e com recursos financeiros muitas vezes escassos, o bibliotecário necessita cada vez mais meticulosidade no desenvolvimento de coleções.

Um aspecto que envolve o desenvolvimento de coleções é a questão do espaço físico para abrigar os materiais. Isso é abordado na seção que trata do desbastamento das coleções.

### 6.1.2 Aquisição dos materiais

Foram abordadas em quatro questões a aquisição dos materiais de informação nas bibliotecas dos centros de idiomas. A primeira delas é referente à maneira com que as bibliotecas adquirem os materiais para formar seus acervos. A questão 2A (**Como é realizada a aquisição dos materiais pela unidade?**) possibilitava ao respondente marcar mais de uma alternativa. As alternativas eram as seguintes: compra, doação e permuta. “Cabe ao bibliotecário de aquisição localizar os itens identificados no processo de seleção agregando-os por meio de compra, permuta ou doação” (WEITZEL, 2006, p. 29). Os resultados da questão 2A demonstram que nenhuma das bibliotecas realiza a permuta de materiais com outras instituições que trabalhem com a mesma LE. E que todas elas utilizam a compra de materiais e recebem doações. O gráfico abaixo demonstra isso.

Gráfico 3 – Forma de aquisição dos materiais



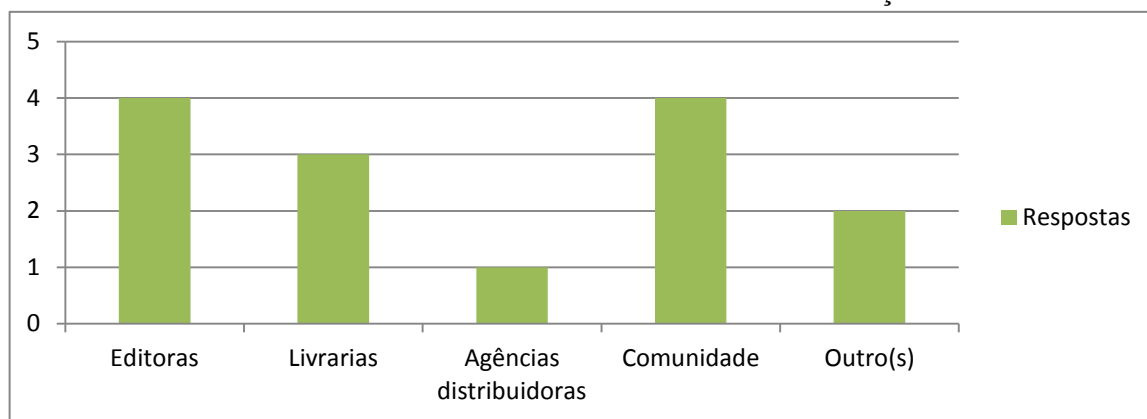
Fonte: elaborado pelo autor

As bibliotecas pesquisadas possuem uma homogeneidade na aquisição. Ou seja, diferente de algumas bibliotecas, principalmente de bibliotecas públicas, existe uma verba

para que se faça a compra dos materiais para as coleções. Outra modalidade de aquisição importante na formação de coleções é a contribuição por meio de doações para as bibliotecas.

A questão 2B (**Quais os principais fornecedores/doadores de materiais de informação à unidade?**) procurou investigar a procedência dos materiais das bibliotecas. As unidades foram unânimes quanto a aquisição por meio de editoras e pela própria comunidade. Sendo que três unidades também têm como fornecedor de materiais as livrarias. De acordo com Weitzel, “o contato direto com os fornecedores faz parte do trabalho bibliotecário de aquisição. É por meio deste contato que o bibliotecário tem condições de conhecer o cronograma das publicações que chegarão ao mercado editorial [...]” (WEITZEL, 2006, p. 32). O gráfico a seguir demonstra a quantidade de respostas obtidas para cada fornecedor de materiais de informação.

Gráfico 4 – Fornecedores de materiais de informação



Fonte: elaborado pelo autor

Somente uma das bibliotecas tem como fornecedor agências distribuidoras. E a alternativa “outro(s)” foram assinaladas duas vezes, obtendo, em uma delas, como resposta “instituições (embaixadas etc.)”. Tal resposta revela mais um tipo de fornecedor que pode contribuir para as coleções nas bibliotecas que trabalham com o ensino de línguas e a promoção de língua estrangeira. Essas instituições podem se encaixar na modalidade de doação já que embaixadas, por exemplo, seriam fornecedores não comerciais. A segunda resposta da alternativa “outro(s)” foi também relativa a instituições, mas mais especificamente a outras unidades da mesma instituição em outros estados que também fornecem material a unidade em Brasília.

Uma questão intrínseca à atividade de aquisição refere-se aos recursos financeiros destinados às bibliotecas. A pesquisa procurou investigar isso por meio da seguinte pergunta: 2C (**Os recursos financeiros destinados à compra de materiais suprem a necessidade de**

**aquisição da unidade?**). Como alternativa para as respostas foram dadas as opções: sim, não, parcialmente (solicitando uma justificativa) e não se aplica (caso alguma biblioteca não receba uma verba para aquisição).

As respostas obtidas estão evidenciadas no gráfico 5 que trata dos recursos financeiros destinados à compra dos materiais.

Gráfico 5 – Recursos financeiros suprem a necessidade de compra?



Fonte: elaborado pelo autor

Todas as bibliotecas recebem recursos financeiros para a compra de materiais. Fato já constatado por meio da questão 2A em que todas as unidades afirmaram realizarem a aquisição por meio de compra e doação. Portanto, a opção “não se aplica” não recebeu marcação, assim como a alternativa “parcialmente”.

Os resultados obtidos se restringiram as alternativas “sim” e “não”. Três dessas unidade afirmam que os recursos financeiros destinados à compra dos materiais suprem as necessidades de aquisição da unidade. E apenas uma unidade considera que os recursos financeiros destinados à compra de materiais não suprem as necessidades de aquisição da biblioteca. “No caso específico de aquisição via compra, [...] não existem, genericamente falando, regras universais de conduta aplicáveis em todas as bibliotecas. Fatores variados vão interferir na decisão sobre a prática a seguir para a compra de materiais” (VERGUEIRO, 1989, p. 66). Ou seja, na modalidade aquisição por compra há elementos que interferem na obtenção dos materiais. Alguns desses elementos são: o próprio preço dos materiais (dependendo do material o seu preço é bastante elevado), o valor da verba que a biblioteca tem a sua disposição em relação a sua necessidade, a qualidade e rapidez dos fornecedores e muitos outros.

O trabalho de compra de materiais é, no entanto, bastante complexo, variando muito em relação não só a cada tipo de biblioteca, mas também em relação a cada tipo de material específico. A compra de livros, por exemplo, apresenta características muito diversas da compra de periódicos ou de materiais audiovisuais. (VERGUEIRO, 1989, p. 68)

Como todas as bibliotecas pesquisadas exercem a compra de materiais para as suas coleções é fundamental que o responsável saiba os meandros existentes nessa atividade e saiba alocar os recursos financeiros que têm a disposição de forma racional.

A última questão que aborda a aquisição nas bibliotecas de centros de idiomas trata justamente sobre a responsabilidade pela compra dos materiais para as unidades.

Figura 8 – Acervo Biblioteca Ana Maria Assumpção da CTJ



Fonte: elaborado pelo autor

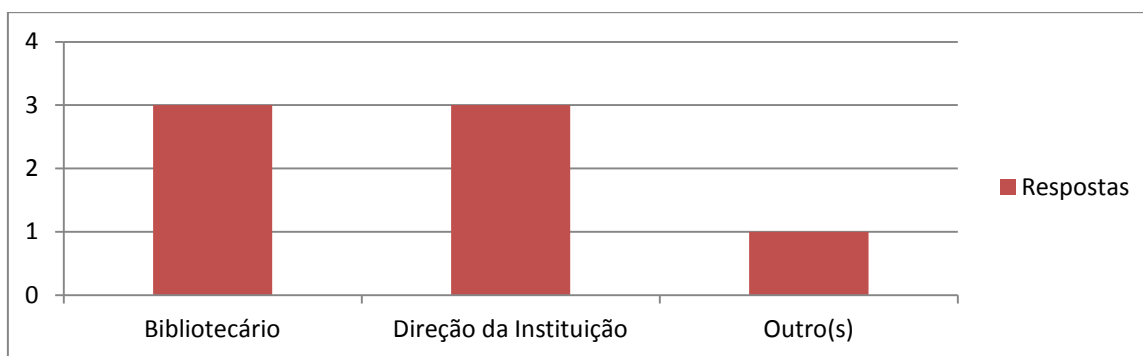
A questão 2D (**A aquisição dos materiais de informação na unidade é de responsabilidade de quem?**) procurou identificar os participantes dessa atividade. As respostas obtidas revelaram que em todas as unidades que contam com bibliotecários há a participação desses nessa etapa do desenvolvimento de coleções. E que na maioria das instituições as suas direções também possuem uma parcela de responsabilidade sobre a aquisição dos materiais. Somente em uma biblioteca a direção não participa.



[...] é necessário destacar para o trabalho de aquisição de materiais informacionais pessoas especializadas nesse trabalho. Quer dizer, pessoas que recebem educação formal sobre o assunto (bibliotecários) ou que têm suficiente experiência na área, por terem atuado durante parte de sua vida profissional (os técnicos) (DIVA; VERGUEIRO, 1996, p. 11).

Mesmo na única biblioteca que não conta com um profissional bibliotecário, há a participação do profissional responsável pela unidade na aquisição dos materiais. Isso foi constatado na alternativa “outro(s)” em que foi solicitado a especificação desse/desses responsável/responsáveis. A resposta obtida foi justamente a participação do “mediatecário” na atividade de aquisição.

Gráfico 6 – Responsabilidade pela aquisição dos materiais



Fonte: elaborado pelo autor

Pode-se afirmar uma homogeneidade na responsabilidade pela aquisição dos materiais de informação nas bibliotecas de centros de idiomas. Há em todas uma participação dos gestores dessas unidades de informação na aquisição. As direções das instituições também estão inseridas na atividade, a exceção de somente uma delas. Para Diva e Vergueiro (1996), bibliotecários possuem a vantagem de conhecerem o mercado editorial, terem a proximidade e o contato com o acervo e usuários. Mas destacam que o importante é cogitar a especialização do responsável pela aquisição de recursos informacionais.

Uma possibilidade para a participação das direções das instituições no processo de aquisição seja o conhecimento que elas possam vir a ter. Ainda mais em uma área tão específica que é o ensino de línguas de idiomas. Mas em nenhuma há exclusão dos responsáveis pelas bibliotecas nessa etapa, sendo somente um respondente totalmente responsável na aquisição.



### 6.1.3 Seleção dos materiais de informação

Foram abordadas quatro questões a respeito da seleção dos materiais de informação nos centros de idiomas. A primeira delas é referente aos critérios utilizados na seleção dos materiais para que eles façam parte das coleções. A questão 4A (**Quais os principais critérios adotados na seleção de materiais pela unidade?**) é uma pergunta aberta possibilitando o respondente ficar livre para responder sobre os principais critérios adotados.

As respostas obtidas se encaixam nas seguintes categorias de critério, de acordo com Vergueiro (2010):

- Autoridade
- Atualidade
- Conveniência
- Idioma

O critério da autoridade, segundo Vergueiro (2010), diz respeito à reputação do autor, editora ou patrocinador. Existindo alguns autores notáveis em determinadas áreas ou editoras com reconhecimento, então isso se torna um pressuposto de qualidade para a seleção dos materiais. Algumas respostas obtidas em relação à autoridade foram: “autor”, “tradutor”, “diretores de cinema”, “editoras”.

No critério de atualidade diz respeito à atualização do conteúdo dos materiais. “Uma informação desatualizada perde muito do seu valor. Para bibliotecas onde a atualidade dos dados tem muita importância, esse critério é decisivo” (VERGUEIRO, 2010, p. 20). Nas bibliotecas pesquisadas esse critério foi recorrente, sobretudo nos “livros didáticos”.

De acordo com Vergueiro (2010), os critérios de autoridade e atualidade estão inseridos em um grupo de critérios que abordam o conteúdo dos documentos.

O critério de conveniência está dentro do grupo de critérios que abordam a adequação ao usuário. Ele “procura verificar se o trabalho é apresentado em um nível, de vocabulário e visual, que seja compreensível pelo usuário. [...] Pouco adiantará colocar no acervo itens inadequados para o tipo de utilização pretendida [...]” (VERGUEIRO, 2010, p. 22). Tal critério ficou evidenciado, por exemplo, na seguinte resposta: “focamos em nosso público alvo, ou seja, alunos dos cursos iniciantes e alunos dos cursos intermediários”.

O último critério observado na pesquisa é sobre o idioma dos documentos. É um critério que também está inserido no grupo de critérios que abordam a adequação ao usuário. Tal critério, segundo Vergueiro (2010), estabelece se o idioma do material é acessível ao usuário. Dentro de instituições que trabalham com o ensino de línguas isso toma outra evidência, pois a biblioteca dá suporte justamente ao ensino de idiomas, sendo comum então encontrar nas coleções materiais em língua estrangeira.

Figura 9 – Mediateca da Aliança Francesa Brasília

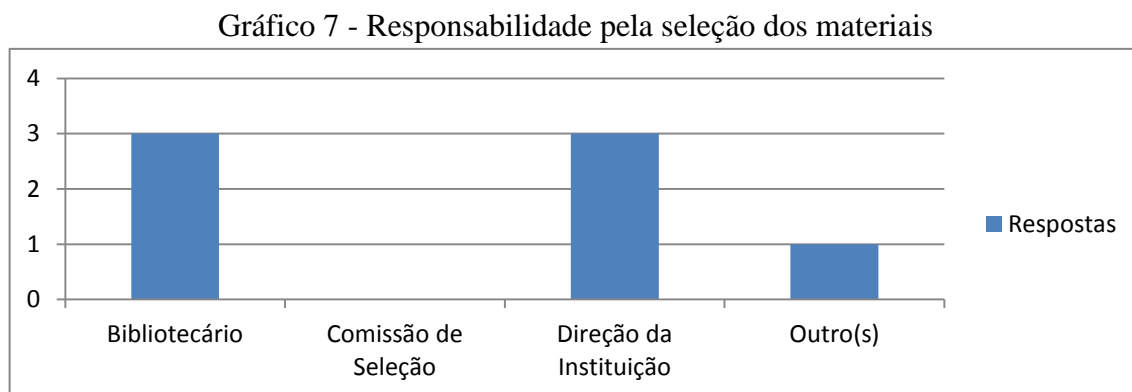


Fonte: *site* da Aliança Francesa Brasília

A questão 3B (**A seleção dos materiais de informação na unidade é de responsabilidade de quem?**) procurou-se identificar os participantes dessa atividade. As respostas obtidas revelaram que em todas as unidades que contam com bibliotecários há a participação desses nessa etapa do desenvolvimento de coleções. E que na maioria das instituições as suas direções também possuem uma parcela de responsabilidade sobre a seleção dos materiais. Somente em uma biblioteca a direção não participa.

Mesmo na única biblioteca que não conta com um profissional bibliotecário, há a participação do profissional responsável pela unidade na seleção dos materiais. Isso foi constatado na alternativa “outro(s)” em que foi solicitado a especificação desse/desses responsável/responsáveis. A resposta obtida foi justamente a participação do “mediatecário” na atividade de seleção. Ou seja, tanto para a responsabilidade da aquisição quanto para a seleção as respostas foram idênticas, demonstrando a coerência dessas atividades no tangente

a sua responsabilidade. O gráfico a seguir demonstrar os resultados obtidos sobre a responsabilidade na seleção dos materiais.



Fonte: elaborado pelo autor

Uma alternativa criada na pesquisa foi a “Comissão de Seleção” que talvez pudesse existir nas instituições e daria suporte ao gestor da biblioteca nas decisões de seleção. A pesquisa revelou que as bibliotecas não contam com esse tipo de colaboração. A responsabilidade fica restrita aos gestores das unidades de informação e à direção da instituição.

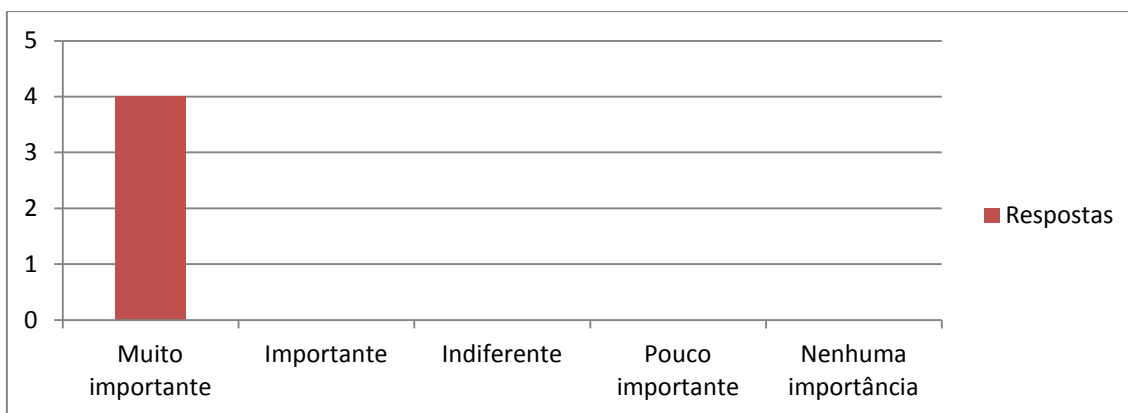
Muitas vezes, o bibliotecário é o único responsável pela seleção. É dele a decisão única e exclusiva sobre o que é ou não incorporado, sem que tenha que *a priori* consultar escalões superiores. [...] Isto pode significar um reconhecimento da capacidade do profissional para tomar decisões. É preciso reconhecer que muitas vezes que esta decisão muitas vezes cai nas mãos do bibliotecário por simples e total desinteresse da comunidade a que a biblioteca deve servir. (VERGUEIRO, 2010, p. 62)

A participação dos gestores em todas as bibliotecas pode significar, justamente, uma confiança na capacidade dos profissionais em assumirem parcela significativa na atividade de seleção dos materiais. Sendo que os gestores das unidades de informação são os que possuem um maior contato com o usuário, conhecendo assim suas necessidades.

Ao se realizar a pesquisa em instituições que trabalham com o ensino de línguas e com a promoção da cultura estrangeira, a pesquisa procurou determinar o grau de importância atribuída pelos gestores das bibliotecas ao conhecimento da LE com relação à atividade de seleção.

A questão 3C (**Qual a importância que você atribui ao conhecimento da língua estrangeira (LE) na seleção dos materiais?**) obteve o mesmo resultado dentro de cinco possibilidades. As quatro unidades foram unânimes em atribuir como “muito importante” o conhecimento da LE na seleção dos materiais.

Gráfico 8 - Importância do conhecimento da LE na seleção dos materiais



Fonte: elaborado pelo autor

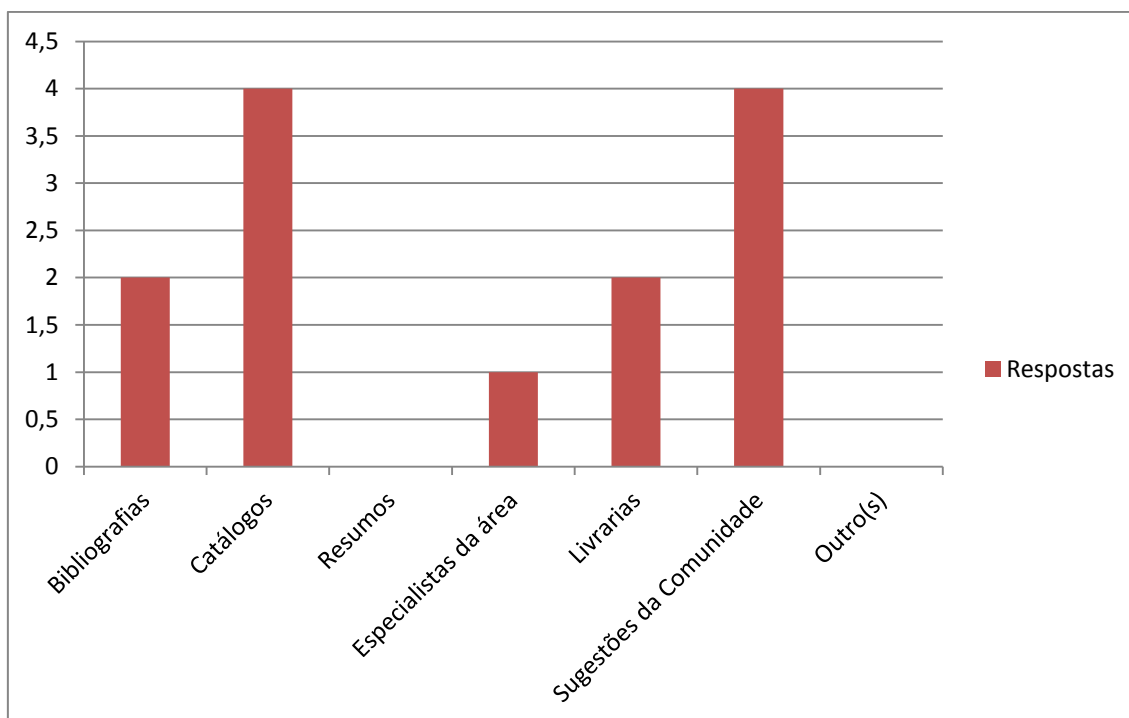
O resultado obtido na pesquisa apresenta uma consonância existente entre a atividade de seleção e o papel da biblioteca dentro do contexto a qual pertence. Para Lima e Figueiredo (1984), a coleção é selecionada e desenvolvida de acordo com os interesses e as necessidades dos usuários, facilitando o acesso, recuperação e disseminação das informações. Isso, entre outros fatores, coloca em destaque a atividade de seleção. Na ótica dos respondentes é muito importante conhecer a LE com a qual trabalham para selecionarem os materiais das bibliotecas.

Outro ponto importante na atividade de seleção é o conhecimento acerca dos instrumentos auxiliares, também chamados de fontes de seleção. Sobre essas fontes Vergueiro (2010) comenta que as decisões acerca da seleção dos materiais não pode se restringir aos pedidos ou sugestões dos usuários, pois podem ser deixadas de lado obras importantes que se adequariam ao acervo. Isso pode acontecer por desconhecimento da existência dessas obras ou falta de informação ao ponto de não interessar aos usuários.

A questão 3D (**Quais as fontes de seleção/instrumentos auxiliares utilizados na seleção dos materiais?**) procurou identificar essas fontes utilizadas para selecionar os materiais nas bibliotecas dos centros de idiomas.

Os resultados obtidos por meio da questão 3D revelaram que metade delas utiliza bibliografias e livrarias como fontes de seleção. Todas as bibliotecas utilizam catálogos e as sugestões da comunidade na seleção das obras. E apenas uma biblioteca usa como fonte de seleção especialistas da área.

Gráfico 9 - Fontes de seleção/instrumentos auxiliares



Fonte: elaborado pelo autor

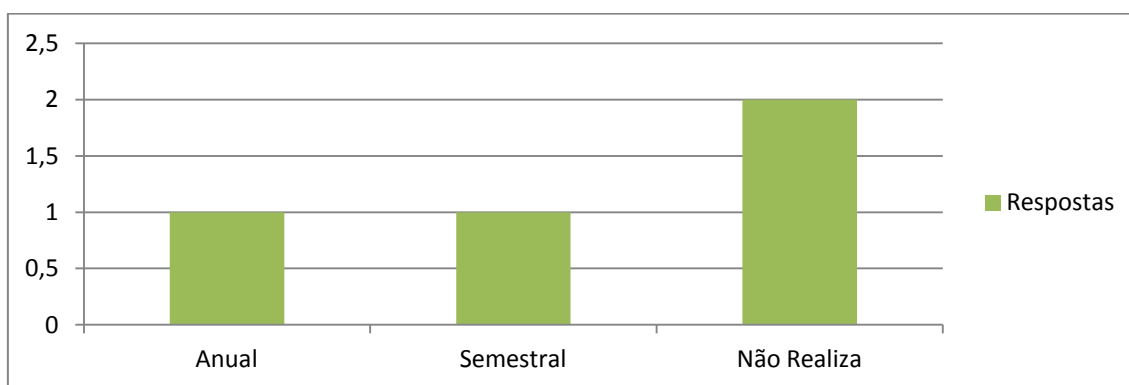
O uso de resumos como instrumento auxiliar não obteve nenhuma marcação. Sendo assim, os instrumentos auxiliares utilizados se restringiram a: bibliografias, catálogos, especialistas da área, livrarias e sugestões da comunidade. A alternativa “outro(s)” não obteve respostas. Sobre as fontes de seleção, elas são um “[...] tipo de subsídio muito importante no dia a dia da seleção porque não é possível tomar decisões a respeito de algo cuja existência se desconhece” (VERGUEIRO, 2010, p. 66). Sem informações sobre o mercado editorial o trabalho de seleção se torna mais difícil. A seleção requer condições para que possa decidir sobre a qualidade das obras que pretende adquirir e sobre a existência delas dentro do vasto universo que é a área de publicações. Devido a essa conjuntura é essencial a utilização de instrumentos auxiliares na atividade de seleção. Os resultados obtidos na pesquisa não se restringem, por exemplo, às sugestões da comunidade.

#### 6.1.4 Estudo de usuários e avaliação das coleções

As informações obtidas a seguir são relativas às atividades de estudo de usuários e da avaliação das coleções nas bibliotecas analisadas.

A questão 4A (**Com qual frequência a unidade realiza estudo de usuários?**) procurou identificar a utilização dessa atividade nas bibliotecas. O resultado obtido revelou que metade delas não se utiliza dessa ferramenta. Sendo que nas unidades em que há a realização do estudo de usuários foi obtido a frequência anual em uma biblioteca e na outra semestral, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 10 - Frequência da realização do estudo de usuários



Fonte: elaborado pelo autor

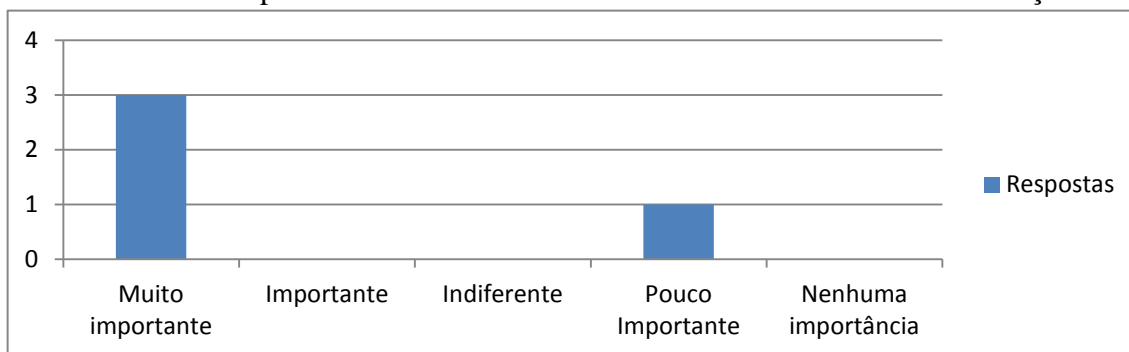
A realização do estudo de usuários nas unidades pode trazer alguns benefícios, pois “o estudo de usuários permite que os bibliotecários conheçam tanto as necessidades de informação dos usuários quanto a satisfação desses com relação aos serviços e produtos oferecidos” (SAPULVEDA; ARAÚJO, 2012, p. 271). Realizar o estudo de usuários nas bibliotecas permite subsidiar os gestores das unidades acerca da opinião dos seus clientes, visando o aprimoramento da unidade. As unidades que não realizam a atividade de estudo de usuários podem estar deixando de oferecer algo que seus usuários necessitam. No caso específico em questão (desenvolvimento de coleções), Miranda (2007 *apud* SAPULVEDA; ARAÚJO 2012) diz que as indicações recebidas por meio do estudo de usuários são relevantes na seleção do acervo. Ou seja, o processo de desenvolvimento precisa de informações advindas de seus clientes para que se possa adequar as coleções de acordo com as exigências.

Um ponto analisado na questão do estudo de usuários foi o grau de importância dessa atividade no desenvolvimento de coleções na ótica dos gestores das bibliotecas.

A questão 4B (**Qual a importância que você atribui do estudo de usuários no desenvolvimento de coleções?**), analisou como os gestores das unidades avaliam o estudo de usuários no processo de desenvolvimento de coleções.

A questão revelou a prática do estudo de usuários nas bibliotecas. Mesmo metade delas não realizando o estudo junto aos seus clientes, a maioria considera muito importante o estudo de usuários no desenvolvimento de coleções. Três respondentes assinalaram a opção “muito importante”. Sendo que apenas um respondente considera o estudo de usuários como “pouco importante”.

Gráfico 11 - Importância do estudo de usuários no desenvolvimento de coleções



Fonte: elaborado pelo autor

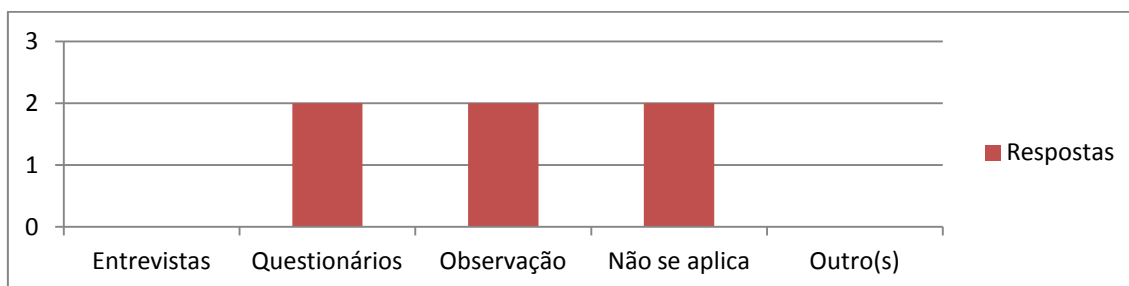
Mesmo naquelas unidades em que não há a realização do estudo de usuários é atribuído um alto grau de importância dessa atividade ao desenvolvimento de coleções. Sepulveda e Araújo (2012) comentam que é possível perceber a valorização dos estudos de usuários na atuação bibliotecária e em suas atividades, tanto em pesquisas acadêmicas como na literatura, mas se observa a pouca realização dos estudos no contexto das práticas da profissão.

A questão 4C (**Qual/Quais o(s) instrumento(s) de coleta de dados usados no estudo de usuários na unidade?**) analisou os instrumentos utilizados pelo gestores na coleta de informações junto aos usuários no estudo de usuários. Tendo apenas a metade das bibliotecas realizando a atividade de estudo de usuários, as demais unidades ficaram restritas a opção “não se aplica”.

Os resultados obtidos na questão 4C se mostraram homogêneos nas bibliotecas que praticam o estudo de usuários. Os instrumentos usados na coleta de informações se restringiram a “questionários” e a “observação”. A questão recebeu duas respostas afirmativas

em cada uma das alternativas (questionários e observação). Sendo as entrevistas preteridas na obtenção de informações pelas bibliotecas e não sendo encontrado outro instrumento de coleta de dados no estudo de usuários por meio da alternativa “outro(s)”.

Gráfico 12 - Forma de coleta de dados no estudo de usuários



Fonte: elaborado pelo autor

Uma das aplicações do estudo de usuários, segundo Figueiredo (1979), parte da investigação para se conhecer o quê os indivíduos necessitam em material de informação. Compilar informações pode ser de grande ajuda no desenvolvimento de coleções. “Os resultados dos estudos de usuários, embora não usualmente generalizáveis, oferecem contudo uma visão ampla dos problemas e tendências dos usuários na consulta das bibliotecas e/ou de suas coleções” (FIGUEIREDO, 1979, p. 87). O estudo de usuários torna-se uma atividade proativa, uma ferramenta de planejamento para que as bibliotecas possam adequar o que oferecem de acordo com a demanda.

A observação “[...] é um método pelo qual o pesquisador capta a realidade que se pretende analisar. Ela pode ser: espontânea não estruturada; observação participante não sistemática e observação sistemática” (BAPTISTA; CUNHA, 2007, p. 180). Esse método vai requerer do investigador um cuidado maior, pois apresenta uma flexibilidade devido a suas variações. O objetivo da investigação e o objetivo dela irão determinar a maneira mais adequada da sua aplicação. De acordo com Baptista e Cunha, o questionário é um método que traz uma lista de questões elaborada pelo pesquisador que devem ser respondidas pelos indivíduos alvos de uma pesquisa, sendo um dos métodos mais utilizados. A aplicação de um questionário no estudo de usuários é um instrumento que pode ser aplicado em um tempo célere, ser aplicado a um grande número de pessoas e ainda apresenta um baixo custo.

Outra análise que se faz presente quando se trata da investigação e dos métodos para obtenção de dados no desenvolvimento de coleções é a avaliação dirigida aos materiais incorporados ao acervo. Mais especificamente a avaliação das coleções.



Figura 10 – Acervo Biblioteca Goethe-Zentrum Brasília



Fonte: elaborada pelo autor

A questão 5A (**Em sua opinião as coleções estão de acordo com a missão, objetivos e metas da instituição?**) procurou analisar se os materiais disponíveis pelas bibliotecas estão em consonância com o propósito da instituição. O respondente dispunha de três alternativas: sim, não e parcialmente. As afirmações obtidas foram unânimes em considerar que as coleções estão de acordo os objetivos da instituição.

Gráfico 13 – Há consonância das coleções com a missão da instituição?



Fonte: elaborado pelo autor

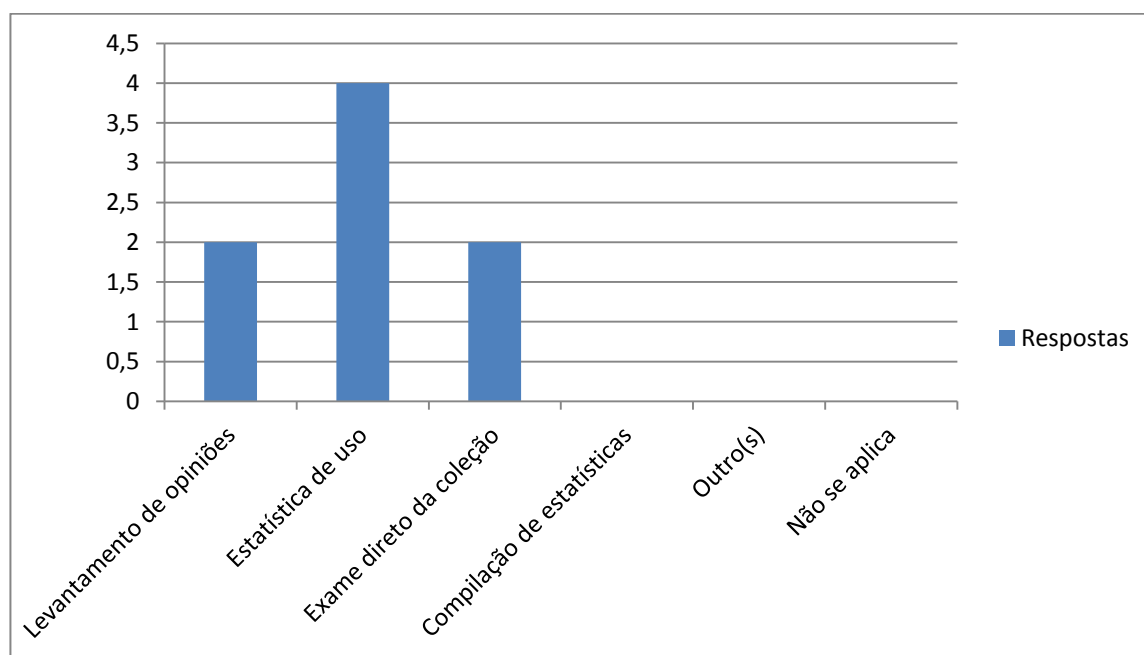
Na ótica dos gestores das unidades pesquisadas os materiais disponibilizados nas coleções estão adequados aos propósitos. A análise das coleções é uma atividade que está

inserida no processo de desenvolvimento de coleções. “Avaliar é o processo de determinar o valor ou o grau de sucesso na realização de um objetivo predeterminado” (DIAS; PIRES, 2003, p. 49). Conciliar o suporte informacional dado pelas unidades de informação com a missão, objetivos e metas de uma instituição ao qual está vinculada é o pressuposto básico.

Para que ocorra uma análise formal das coleções é possível se valer de métodos que poderão ajudar nessa avaliação. Há uma série de métodos que podem ser usados em comunhão para se verificar a qualidade ou implementar ajustes ao acervo.

A questão 5B (**Qual/Quais o(s) método(s) utilizado(s) na avaliação das coleções?**) procurou analisar alguns métodos para avaliar o acervo. O método comum a todas as bibliotecas é a estatística de uso. Seguido do levantamento de opiniões e o exame direto da coleção. Cada uma com duas respostas afirmativas.

Gráfico 14 - Métodos utilizados na avaliação das coleções



Fonte: elaborado pelo autor

A compilação de outras estatísticas, excluindo-se a de uso, não obteve nenhuma resposta. Assim como não foram identificados mais métodos de avaliação de coleções por meio da alternativa “outro(s)”. Sendo que a alternativa “não se aplica” também não recebeu marcação, ou seja, todas utilizam algum método para avaliar as coleções.

Sobre a obtenção da opinião dos usuários, “as maiores vantagens [...] são que as partes fortes e fracas reais da coleção, assim como os níveis e tipos de necessidades dos usuários, podem ser identificadas [...]” (FIGUEIREDO, 1979, p. 28). Esse método possui outras

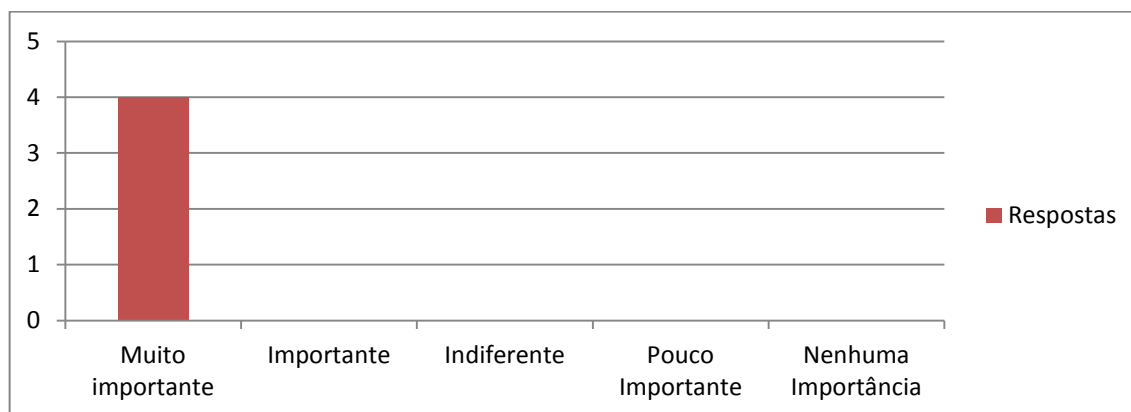
vantagens, assim como desvantagens e adequação das coleções irá depender das exigências dos usuários. A estatística de uso, de acordo com Figueiredo (1979), irá medir a intensidade de uso de um determinado tipo de coleção ou mesmo de todo o acervo, independente dos materiais de informação. Assim como a observação direta das coleções possui uma grande praticidade e imediata efetividade. Mas requer determinado grau de perícia sobre os materiais e os assuntos, sendo um método pouco científico.

Com isso as bibliotecas acabam restringindo seus métodos de avaliação de coleções, mas por outro lado não eximindo essa atividade do processo de desenvolvimento das coleções.

A questão 5C (**Qual a importância da avaliação das coleções no desenvolvimento do acervo na unidade?**) analisou como os gestores das unidades avaliam a relevância da avaliação das coleções no processo de desenvolvimento de coleções.

Dentre as cinco alternativas apresentadas pela questão 5C, apenas a “muito importante” foi assinalada por todos os pesquisados. A importância dada à avaliação das coleções no desenvolvimento do acervo das unidades é o mesmo na ótica de todos os respondentes.

Gráfico 15 - Importância da avaliação das coleções no desenvolvimento do acervo



Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com Vergueiro (1989), uma das atividades pouco realizadas no desenvolvimento de coleções seria a avaliação. A falta de tempo e o conhecimento são, segundo bibliotecários, alguns motivos. Sendo que isso pode vir a prejudicar todo o processo de desenvolvimento de coleções. Com a pesquisa nota-se uma postura diferente a essa já que todas utilizam algum método para avaliar as coleções, além de considerarem essa atividade com um alto grau de relevância no processo de desenvolvimento das coleções.

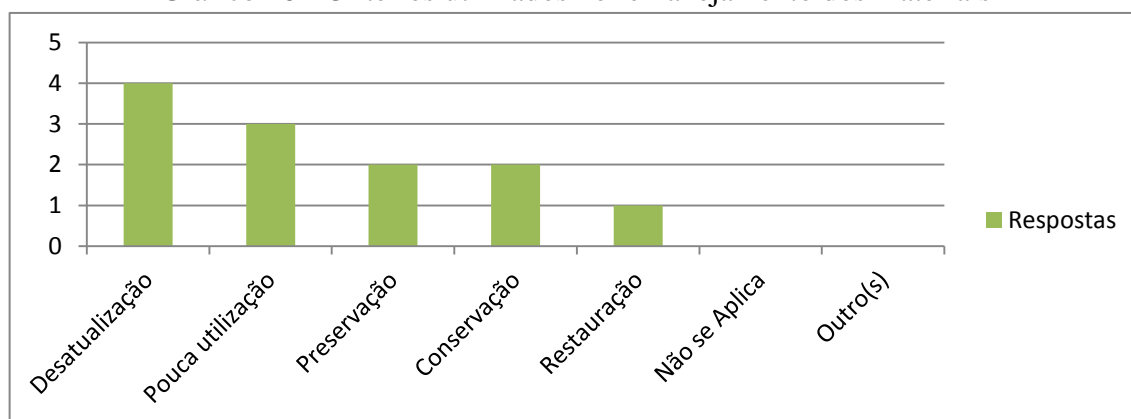
### 6.1.5 Desbastamento das coleções

As questões de 6A a 6D procuraram analisar o desbastamento das coleções. A questão 6A (**Qual/Quais o(s) critério(s) utilizado(s) no remanejamento dos materiais?**) analisou os critérios atribuídos a uma prática inerente ao desbastamento que é o remanejamento dos materiais, portanto, não abordando a ação de descartar os materiais. “O deslocamento para locais de menor acesso, onde os materiais serão acomodados mais compactamente a fim de que [...] ocupem o menor espaço possível (o remanejamento)” (VERGUEIRO, 1989, p. 74). Sendo assim o remanejamento trata da retirada de títulos das coleções e não necessariamente na retirada definitiva das obras.

A questão 6A revelou que, por diferentes critérios, todas praticam o remanejamento dos materiais, já que a opção “não se aplica” não recebeu nenhuma marcação. O critério de desatualização obteve quatro respostas afirmativas. Sendo assim um critério comum a todas na atividade de remanejar as obras das coleções.

A pouca utilização representou três respostas afirmativas como critério para retirar as obras do acervo e remanejá-las. A preservação e a conservação receberam duas respostas afirmativas para cada uma dessas opções. A restauração obteve uma resposta afirmativa. Outros critérios não foram revelados na pesquisa.

Gráfico 16 - Critérios utilizados no remanejamento dos materiais



Fonte: elaborado pelo autor

As respostas obtidas nas unidades de informação pesquisadas demonstram que apenas em uma delas há a ação de retirar os materiais do acervo a fim de restaurá-los. E em metade das unidades existe a preocupação de remanejamento para preservar e conservar as obras.

Cabe aqui ressaltar as pequenas diferenças existentes em cada uma destas medidas: preservação, conservação e restauração.

**Preservação:** é o conjunto de ações e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribui [...] para a preservação da integridade de informações e significados de um bem cultural.

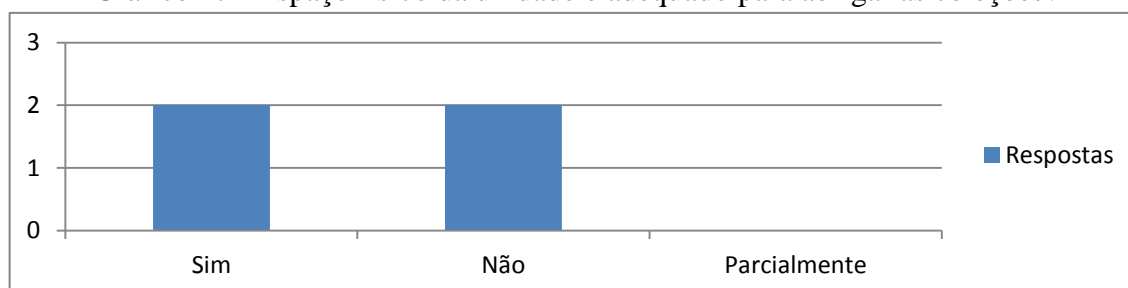
**Conservação:** é um conjunto de ações estabilizadoras que visa [...] controlar as causas de degradação dos bens culturais, levando à adoção de medidas de prevenção, minimização ou supressão da deteriorização do acervo, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento).

**Restauração:** é um conjunto de medidas que objetiva estabilizar ou reverter danos, físicos ou químicos, adquiridos pelo documento [...] ao longo do tempo [...]. (DIAS; PIRES, 2003, p. 51).

Há a preocupação em preservar os materiais que requerem essa ação de retirada de títulos das coleções. Algumas obras podem possuir particularidades em que por vezes pode ser melhor o seu remanejamento para outro local, visando a sua integridade (preservação). Quanto à conservação, trata-se de uma retirada por um tempo determinado que vise, por exemplo, uma medida de higienização dos materiais, sendo assim temporário o seu remanejamento. Na restauração as obras são retiradas do acervo para que ocorram as medidas necessárias para que se possa tentar corrigir os danos causados ao material.

Na questão 6B (**O espaço físico da unidade está adequado para abrigar as coleções?**) metade das unidades considera o seu espaço físico para acomodar o acervo como não adequado. A acomodação dos materiais dentro das bibliotecas está intrinsecamente ligada a questões de preservação das obras e até mesmo relacionada à movimentação das pessoas dentro da biblioteca.

Gráfico 17 - Espaço físico da unidade é adequado para abrigar as coleções?



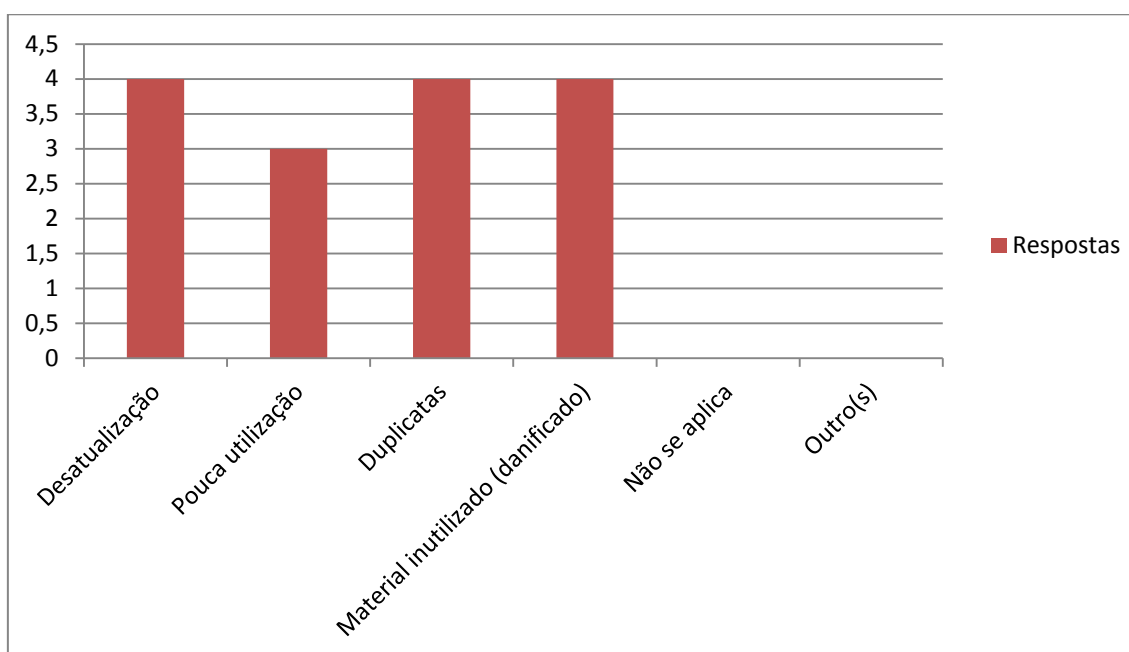
Fonte: elaborado pelo autor

A questão do espaço nas bibliotecas está ligada com questões de avaliação das coleções e, claro, com o desbastamento. Segundo Vergueiro (1989), não se pode descartar os

materiais quando o espaço físico já não for suficiente, a avaliação das coleções deve ser contínua. O desenvolvimento de coleções deve também levar em consideração questões de espaço justamente para que se possa fazer o crescimento racional das coleções respeitando o espaço físico disponível.

A respeito da seleção negativa ou descarte dos materiais foi possível revelar alguns critérios utilizados nessa ação. A questão 6C (**Qual/Quais o(s) critérios utilizada(s) no descarte dos materiais?**) possuía seis alternativas. A alternativa “não se aplica” não obteve respostas, significando que todas as bibliotecas fazem descarte de materiais. A opção “outro(s)” também não obteve respostas, significando a restrição dos critérios de descarte a desatualização, pouca utilização, duplicatas e material inutilizado.

Gráfico 18 - Critérios utilizados no descarte dos materiais



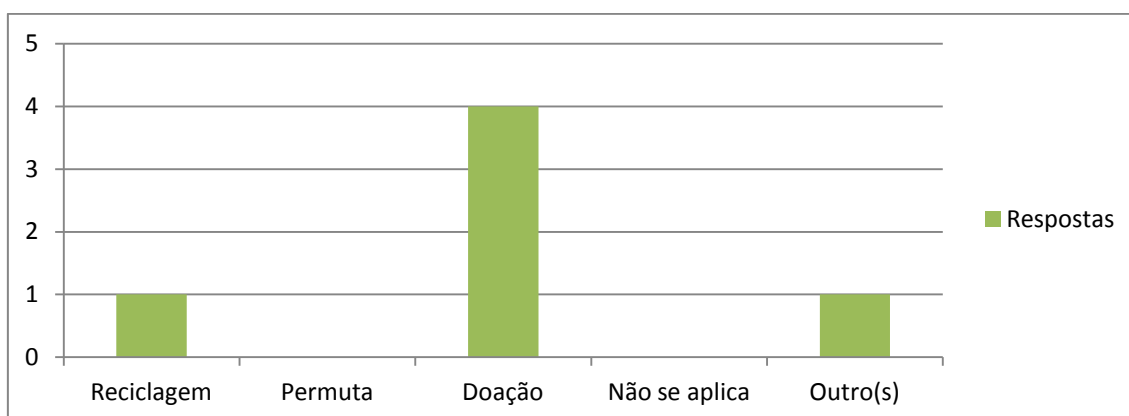
Fonte: elaborado pelo autor

Sobre o critério de descartar os materiais quanto a sua desatualização, as bibliotecas foram unânimes em suas respostas. As quatro unidades utilizam como critério a desatualização das obras. O mesmo número de respostas foi atribuído para duplicatas e para os materiais inutilizados. Ou seja, todas as bibliotecas possuem em comum a retirada em definitivo de obras das coleções a partir da constatação da desatualização, duplicatas e material inutilizado. Sendo que apenas uma unidade não utiliza o critério de pouca utilização para descartar os materiais, recebendo essa alternativa três respostas afirmativas. Esses critérios utilizados pelas unidades se adequam aos da *American Library Association* (ALA),

apresentados por Figueiredo (1998 *apud* WEITZEL 2006), que podem envolver o uso, qualidade, duplicação e deteriorização dos materiais para o descarte.

Uma pergunta pertinente à etapa de descarte é: qual o destino dos materiais descartado? A questão 6D (**Qual/Quais o(s) destino(s) dos materiais selecionados para o descarte?**) procurou analisar isso. A alternativa “não se aplica” não recebeu marcações, o que demonstra coerência já que a questão 6C revelou que todas as unidades pesquisadas realizam o descarte dos materiais. Recebendo a totalidade de respostas apenas a alternativa “doação”, ou seja, quatro respostas positivas quanto ao destino dos materiais.

Gráfico 19 - Destinos dos materiais selecionados para o descarte



Fonte: elaborado pelo autor

Por meio da pesquisa foi possível constatar que somente uma encaminha os materiais descartados para a reciclagem. Sendo que a opção “outro(s)” recebeu uma resposta afirmativa. Na solicitação de qual/quais seria/seriam esse(s) destino(s) foi obtido a seguinte resposta: “materiais didáticos antigos, desatualizados jogamos no lixo”. Então, tal unidade não considera a doação quando se trata de materiais utilizados no ensino de LE. Os materiais didáticos defasados acabam tendo como destino o lixo.

Quanto à permuta não ocorreu resposta positiva. Nenhuma das unidades pesquisadas realiza a troca de materiais. “Possibilita à biblioteca [...] utilizar, com bastante vantagem, as duplicatas indesejáveis que se vão acumulando com o correr do tempo ou até mesmo as doações recebidas e que, por um motivo ou outro, não lhe interessou incorporar ao acervo” (VERGUEIRO, 1989, p. 70). A permuta serve para que as bibliotecas possam adquirir diferentes materiais e dispensar aqueles não pertinentes às coleções. Trata-se de uma alternativa, um canal de troca ainda não utilizado pelas unidades de informação em questão.

## 7 CONCLUSÃO

A análise do desenvolvimento de coleções nas bibliotecas dos centros de idiomas permitiu investigar como é realizado esse processo em instituições que trabalham com o ensino de línguas estrangeiras e com a promoção do intercâmbio cultural.

Constatou-se que as atividades inerentes ao desenvolvimento de coleções nessas unidades possuem pontos convergentes, como também pontos divergentes. Sendo, então, possível constatar que na análise geral das bibliotecas não há homogeneidade entre elas no que se refere ao desenvolvimento de coleções. As peculiaridades em cada uma das unidades vão desde a formulação ou não de documentos formais que orientem as ações do processo de desenvolvimento de coleções até os critérios adotados por elas nas atividades de seleção e desbastamento das coleções.

As formas com que os materiais de informação das unidades são adquiridos é a mesma, mudando apenas os fornecedores. Sendo que a permuta não é adotada em nenhuma das bibliotecas. Ponto esse que poderia ser mais trabalhado pelas instituições já que isso estabelece um canal diferente na aquisição e envolve também as atividades de desbastamento, proveniente da avaliação das coleções.

Acerca da responsabilidade na aquisição e na seleção dos materiais nas unidades, observou-se em quase todas a integração entre o gestor da unidade de informação com a direção da instituição. Estando o profissional bibliotecário integrado a essas atividades quando se faz presente.

Os recursos financeiros também em quase todas suprem as necessidades quanto à aquisição. O que não se pode afirmar quanto ao espaço disponível para alocar os materiais de informação nas bibliotecas, em metade delas há problemas quanto a isso.

Para a seleção dos materiais um dado observado na pesquisa é sobre a importância da língua estrangeira. Na ótica dos gestores das unidades é de muita relevância o conhecimento na língua estrangeira para se trabalhar seleção dos materiais de informação. E os principais critérios utilizados na seleção se restringem a quatro aspectos primordiais nessas unidades.

A pesquisa constatou quanto à avaliação das coleções e ao estudo de usuários que os gestores em sua maioria atribuem um alto grau de importância a essas atividades. Isso mesmo naquelas em que não há muitas variações nas formas de avaliação das coleções e naquelas que não adotam o estudo de usuários em suas atividades.



Em suma, conclui-se que as atividades inerentes ao desenvolvimento de coleções nas bibliotecas dos centros de idiomas são praticadas quase em sua totalidade. Sendo preteridos em algumas bibliotecas documentos formais para orientar as atividades de desenvolvimento de coleções, assim como em algumas não ocorre a análise da clientela a qual servem. Mesmo com esses pontos divergentes as bibliotecas demonstram que há uma total sistematização das atividades que são contempladas no processo de desenvolvimento das coleções, representando a maneira como cada uma trabalha na formação e desenvolvimento dos acervos das instituições.

## REFERÊNCIAS

ALIANÇA FRANCESA BRASÍLIA. Disponível em: < <http://www.afbrasil.org.br/site/> >. Acesso em: 14 abr. 2014.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 202.

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 118 p.

BAUGHMAN, J. C. A structural analysis of the literature of sociology. **The library Quarterly**, v.44, n. 4, p. 203-308, oct. 1976.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 18-184, maio/ago. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n2/v12n2a11.pdf> >. Acesso em: 21 maio 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SE, 1998. 120 p.

CASA THOMAS JEFFERSON. Quem somos. Disponível em: <<http://thomas.org.br/index.php/a-casa/quem-somos/>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

CHAGAS, Anilvado Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. **Administração On Line**, São Paulo, v.1, n.1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em: <[http://www.fecap.br/adm\\_online/art11/anival.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm)>. Acesso em: 09 abr. 2014.

CHAVES, Daniele Fonseca. **O ensino de línguas para fins específicos como uma proposta de abordagem da Língua Estrangeira no Ensino Médio**. Brasília. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, UnB, 2006. Disponível em < [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5123/1/2006\\_Daniele%20Fonseca%20Chaves.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5123/1/2006_Daniele%20Fonseca%20Chaves.pdf) >. Acesso em: 10 abr. 2014.

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos. **Pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica: alguns conceitos básicos**. 2007. Disponível em: < <http://www.administradores.com.br/artigos/administracao-e-negocios/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos/14316/> >. Acesso em: 21 fev. 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451p.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Formação e desenvolvimento de coleções de serviços de informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2003. 57 p. (Série Apontamentos).

FERNANDES, José. **Técnicas de estudo e pesquisa**. 7. ed. Goiânia: Kelps, 2004. 282 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes. **A avaliação de coleções e estudo de usuários**. Brasília, DF: ABDF, 1979. 96 p.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Thesaurus, 1998.

FIUZA, Marysia Malheiros. Contribuições para a tomada de decisão no processo de seleção em bibliotecas. **Revista da Escola de Biblioteconomia**, UFMG, v. 8, n. 2, p. 131-140, set. 1979.

GOETHE-ZENTRUM. C2014. Disponível em:  
<<http://www.goethe.de/ins/br/brs/ptindex.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

GUSMÃO; Alexandre Oliveira de Meira; et al. Avaliação de adequação do acervo da biblioteca regional de Rondonópolis da UFMT à bibliografia do curso de História. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.1, p.293-312, jan./jun., 2009.

HARGREAVES, Luiz Eduardo Saldanha. **Além da língua**: tradução e consciência crítica de cultura no Ensino de Línguas Estrangeiras. Brasília. 2004. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, UnB, 2004.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - IFLA. **Directrices para una política de desarrollo de las colecciones sobre la base del modelo Conspectus**. [S.l.]: IFLA, 2001.

INSTITUTO CERVANTES. C1991-2014. Disponível em:  
<<http://brasil.cervantes.es/br/default.shtm>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LIMA, Regina Célia Montenegro; FIGUEIREDO, Nice. Seleção e aquisição: da visão clássica a moderna aplicação de técnicas bibliométricas. **Ciência da Informação**. v. 13, n. 2, p. 137-150, jul./dez. 1984.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 01-19, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Inf. & Soc.: Est .**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 87 - 94, jan./abr. 2007.

PAIVA, Manoella Oliveira Aragão de. **Os processos de aquisição e aprendizagem da língua inglesa por crianças nos contextos de escola bilíngue e escola de idiomas**. 2013. 96 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, UnB, 2013. Disponível em: <[http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/7388/1/2013\\_ManoellaOliveiraAragao dePaiva.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/7388/1/2013_ManoellaOliveiraAragao%20dePaiva.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2014.

SEPULVEDA, Maria Inês Moreira; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Realização de estudos de usuários na prática profissional bibliotecária: estudo de caso do sistema de bibliotecas da UFMG. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis: v. 17, n. 2, 269-287, jul./dez. 2012. : < <http://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/842/pdf>>. Acesso em 21 de mai. 2014.

TRAMONTE, Cristiana. Ensino de língua estrangeira e socialização do saber: abrindo caminhos para a cidadania. In: 3ER CONGRESO VIRTUAL DE ANTROPOLOGÍA Y ARQUEOLOGÍA, 2002, Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología. Disponível em: < [http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/cristiana\\_tramonte2.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/cristiana_tramonte2.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989. 95 p.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 1, 1993.

\_\_\_\_\_. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 120 p.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006. 76 p.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, p. 61 - 67, jan./jun. 2002.

## APÊNDICE



Este questionário destina-se à coleta de informações junto acerca do desenvolvimento de coleções em instituições que trabalham com o ensino de Línguas Estrangeiras – LE. O questionário irá subsidiar o trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB) e discorre sobre as atividades inerentes ao desenvolvimento de coleções.

As informações obtidas por meio deste instrumento serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

### Questionário

#### 1 Quanto aos aspectos gerais:

**A.** A unidade possui algum documento formal que oriente as atividades de desenvolvimento de coleções, tais como: Política de desenvolvimento de coleções, Política de aquisição, Política de seleção, entre outros?

( ) Não.

( ) Sim. Qual/Quais?\_\_\_\_\_.

**B.** Quais os tipos de materiais de informação compõem o acervo? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

( ) Livros didáticos.

( ) Livros paradidáticos.

( ) Dicionários.

( ) Revistas/Jornais.

( ) CD, DVD, VHS.

( ) Base de dados.

( ) Outro(s). Qual/Quais?\_\_\_\_\_.

**C.** Atualmente, a unidade dispõe de quantos documentos em seu acervo?

\_\_\_\_\_.

## 2 Quanto à aquisição dos materiais:

**A.** Como é realizada a aquisição dos materiais pela unidade? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Compra.
- ☐ Doação.
- ☐ Permuta.

**B.** Quais os principais fornecedores/doadores de materiais de informação à unidade? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Editoras.
- ☐ Livrarias.
- ☐ Agências distribuidoras (fornecem materiais independentemente da editora ou data de publicação, podem atuar em áreas especializadas).
- ☐ Comunidade (professores, alunos, colaboradores da instituição, entre outros).
- ☐ Outro(s). Qual/Quais? \_\_\_\_\_.

**C.** Os recursos financeiros destinados à compra de materiais suprem a necessidade de aquisição da unidade?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Parcialmente. Justifique. \_\_\_\_\_.
- ☐ Não sei.
- ☐ Não se aplica.

**D.** A aquisição dos materiais de informação na unidade é de responsabilidade de quem? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Bibliotecário.
- ☐ Direção da Instituição.
- ☐ Outro(s). Quem? \_\_\_\_\_.

## 3. Quanto à seleção dos materiais:

**A.** Quais os principais critérios adotados na seleção de materiais pela unidade? Ex: Autor, assunto, entre outros.

---



---



---



---

**B.** A seleção dos materiais de informação na unidade é de responsabilidade de quem? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Bibliotecário.
- ☐ Comissão de Seleção.
- ☐ Direção da Instituição.
- ☐ Outro. Quem? \_\_\_\_\_.

**C.** Qual a importância que você atribui ao conhecimento da língua estrangeira (LE) na seleção dos materiais?

- ☐ Muito importante.
- ☐ Importante.
- ☐ Indiferente.
- ☐ Pouco importante.
- ☐ Nenhuma importância.

**D.** Quais as fontes de seleção/instrumentos auxiliares utilizados na seleção dos materiais? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Bibliografias.
- ☐ Catálogos.
- ☐ Resumos.
- ☐ Especialistas da área.
- ☐ Livrarias.
- ☐ Sugestões da comunidade.
- ☐ Outro(s). Qual/Quais? \_\_\_\_\_.

#### **4.** Quanto ao estudo de usuários:

**A.** Com qual frequência a unidade realiza estudo de usuários?

- ☐ Mensal.
- ☐ Trimestral.
- ☐ Semestral.
- ☐ Anual.
- ☐ Não realiza.
- ☐ Outra. Qual? \_\_\_\_\_.

**B.** Qual a importância que você atribui do estudo de usuários no desenvolvimento de coleções?

- ☐ Muito importante
- ☐ Importante
- ☐ Indiferente
- ☐ Pouco importante
- ☐ Nenhuma importância

**C.** Qual/Quais o(s) instrumento(s) de coleta de dados usados no estudo de usuários na unidade? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Entrevistas.
- ☐ Questionários.
- ☐ Observação.
- ☐ Não se aplica.
- ☐ Outro(s). Qual/Quais?\_\_\_\_\_.

**5. Quanto à avaliação das coleções:**

**A.** Em sua opinião as coleções estão de acordo com a missão, objetivos e metas da instituição?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.
- ☐ Parcialmente. Justifique.\_\_\_\_\_.

**B.** Qual/Quais o(s) método(s) utilizado(s) na avaliação das coleções? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

- ☐ Levantamento de opiniões dos usuários.
- ☐ Estatística de uso.
- ☐ Exame direto da coleção
- ☐ Compilação de estatísticas: tamanho bruto, pedidos não atendidos, equilíbrio de assuntos, tamanho de excelência, etc.
- ☐ Outro(s). Qual/Quais?\_\_\_\_\_.
- ☐ Não se aplica.

**C.** Qual a importância da avaliação das coleções no desenvolvimento do acervo na unidade?

- ☐ Muito importante.
- ☐ Importante.
- ☐ Indiferente.
- ☐ Pouco importante.
- ☐ Nenhuma importância.

**6. Quanto ao desbastamento das coleções:**

**A.** Qual/Quais o(s) critério(s) utilizado(s) no remanejamento dos materiais? (Pode-se marcar mais de uma alternativa)

- ☐ Desatualização.
- ☐ Pouca utilização.
- ☐ Preservação.
- ☐ Conservação.
- ☐ Restauração.
- ☐ Não se aplica.
- ☐ Outro(s). Qual/Quais?\_\_\_\_\_.



**B.** O espaço físico da unidade está adequado para abrigar as coleções?

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Parcialmente. Justifique.\_\_\_\_\_.

**C.** Qual/Quais o(s) critérios utilizado(s) no descarte dos materiais? (Pode-se marcar mais de uma alternativa)

☐ Desatualização.

☐ Pouca utilização.

☐ Duplicatas.

☐ Material inutilizado (danificado).

☐ Não se aplica.

☐ Outro(s). Qual/Quais?\_\_\_\_\_.

**D.** Qual/Quais o(s) destino(s) dos materiais selecionados para o descarte? (Pode-se marcar mais de uma alternativa).

☐ Reciclagem.

☐ Permuta.

☐ Doação.

☐ Não se aplica.

☐ Outro(s). Qual/Quais?\_\_\_\_\_.

**Muito Obrigado!**